

EXPRESSÃO DO CORPO E

DESENVOLVIMENTO PESSOAL

FEU
200
PRETO

Ana Menezes Muñoz

Dissertação submetida como requisito
parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Educação.



Rio de Janeiro
Fundação Getúlio Vargas
Instituto de Estudos Avançados em Educação
Departamento de Psicologia da Educação
1985

À Jorge, Cristiane, Gabriela.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - Filosofia e Política do Corpo	9
1.1. Herança Filosófica da Noção de Corpo	10
1.2. Expressão do Corpo e Poder	19
1.3. Corpo e Realidade Social	27
Referências Bibliográficas	37
CAPÍTULO II - A Expressão Instintiva Segundo Freud e Reich	38
2.1. Expressão e Energia	39
2.2. Corpo e Sexualidade	45
2.3. O Inconsciente Corporal	51
2.4. A Expressão da Agressividade	56
Referências Bibliográficas	61
CAPÍTULO III - Outros Aspectos da Expressão Corporal .	63
3.1. A Vivência do Corpo	63
3.2. Dança: Vivência e Expressão	70
3.3. O Corpo e a Pessoa	76
Referências Bibliográficas	80
CAPÍTULO IV - Corpo e Educação	81
4.1. Desenvolvimento ou Dissociação ?..	83
4.2. Os Conteúdos Não Verbais	87
4.3. Algumas Proposições	89

CONCLUSÕES	93
BIBLIOGRAFIA	100

RESUMO

A expressão do corpo encontra-se entre os fatores condicionantes do desenvolvimento pessoal.

Esta expressão é bloqueada em nossa sociedade capitalista, na medida em que o corpo é coisificado e submetido a mecanismos de poder que reproduzem o sistema de dominação.

A sujeição e coisificação assentam-se em uma herança filosófico-ideológica que concebe o homem dividido em partes hierarquizadas e sobrepostas, às quais confere valores antagônicos.

As teorias aqui estudadas abordam os mecanismos através dos quais a saúde e o desenvolvimento pessoal são afetados pela realidade social restritiva.

O conflito com esta realidade, segundo as perspectivas freudiana e reichiana, leva o indivíduo a acionar mecanismos de auto-defesa, não só no plano psíquico, mas também no somático.

O predomínio do intelecto, na sociedade e, consequentemente, na educação, bem como os mecanismos que levam à negação do corpo, amortecem as vivências corporais, com repercussão nas funções orgânicas reguladoras e na homeostase.

Propõe-se a busca de meios de superação, na atividade educacional, de práticas dicotômicas que supervalorizam a expressão verbal e escrita sobre a corporal.

INTRODUÇÃO

O propósito do presente trabalho é o estudo da expressão do corpo em relação ao desenvolvimento pessoal, conforme é vista esta relação em algumas propostas teóricas.

Assenta-se no pressuposto de que existem fatores de ordem sócio-cultural que interferem na dinâmica saúde-desenvolvimento, uma vez que determinam certas concepções, procedimentos e comportamentos. Tais fatores envolvem a noção de corpo e a concepção de homem, a qual pertence à nossa herança filosófico/ideológica, em que sobressai a dualidade e a hierarquização.

O problema dessa dicotomia, já colocado na remota antiguidade grega e manipulado de diferentes formas, em diversas épocas e por vários tipos de sociedade, está longe de ser resolvido, refletindo-se, de certo modo, na auto-concepção individual.

Com efeito, o modo como o homem se auto-concebe nos termos de sua própria realidade humana, contribui para determinar a sua atuação, o seu modo de estar no mundo, sua liberdade de exprimir-se e de ser. Se ele se concebe dividido em partes hierarquizadas às quais atribui valores diferentes e até antagônicos em termos de bom e mau, tal concepção pode orientar sua ação, determinando-lhe a liberdade ou o bloqueio. Estes fatores conjugam-se na orientação de um certo tipo de desenvolvimento ou de um certo grau de saúde pessoal.

Em nossa sociedade capitalista, que se caracteriza por relações sociais de dominação/subordinação, as referidas concepções dicotômicas não apenas desdobram-se de modo a transpassar os diferentes aspectos da realidade, como também manifestam-se nos procedimentos e nas práticas cotidianas, nas quais sobressai a dicotomia entre o trabalho manual e o intelectual.

Não objetivamos aqui entrar em elaborações filosôficas sobre o problema, mas apenas abordá-lo enquanto se liga às restrições à expressão do corpo, justificando e acentuando, de certa forma, uma divisão a nível da sociedade e do próprio indivíduo.

É nessas restrições à expressão e nos seus efeitos abortivos para a saúde e o crescimento pessoal, que se situa o eixo do trabalho.

Referimo-nos ao corpo, não enquanto alguma coisa , e sim, enquanto a própria realidade pessoal experienciada, sensível e fisicamente, enquanto o lugar a partir do qual é sentido e apreendido o mundo e de onde partem os movimentos de relação com o mesmo.

Embora as teorias estudadas invoquem funções e mecanismos orgânicos, não vemos aqui o corpo anátomo-fisiolôgico da medicina nem o corpo atlético da educação física, mas a unidade físico-psíquica, o corpo vivenciado.

Por expressão do corpo, conseqüentemente, entendemos a auto-expressão envolvendo a corporeidade, focalizando de modo especial, aquela que não é mediatizada pelos códi

gos verbais, visto serem estes passíveis de dissociar-se de seus conteúdos.

Não tratamos de códigos representados por hábitos gestuais específicos ou que visam a estilizar e/ou adestrar o corpo. Apenas nos referimos à expressão corporal/pessoal espontânea, a qual veicula sentimento, emoção, criatividade de ...

Com efeito, a manipulação do corpo passa, no momento atual, a incluir novos métodos, talvez levando em conta a contribuição das ciências do psiquismo no sentido de derubar tabus, de desmistificar o sexo e revalorizar o corpo. Proliferam serviços, academias e movimentos relacionados com atividades corporais, cuja demanda é feita, na sua grande maioria, por faixas de classe média alta e em zonas ocupadas pela população de maior poder aquisitivo e de status mais elevado.

O corpo é muitas vezes coisificado, cuidado e cultuado como uma propriedade de valor que foi há muito esquecida e que precisa outra vez ser lembrada. Mas os cuidados e as regras desse culto são ditados de fora. É a conquista obrigatória de um conjunto de sinais convencionais de beleza ou de "liberação". Assim, apesar dos discursos de reconquista do corpo, acaba-se por reforçar, sob formas diversas, a antiga dissociação.

Não se trata de invalidar ou de negar as reais conquistas e descobertas do despertar para o corpo, mas de perceber os equívocos que escondem formas opressivas insidiosas, sob máscaras novas.

Falamos de opressão pelo fato de que o corpo, en quanto fonte de atividade e centro das decisões sobre si mesmo, enfim, o corpo enquanto unidade não dissociada da pessoa, acha-se mais uma vez marginalizado nesses processos e movimentos elitistas. Desta forma, não se pode falar da expressão do corpo como auto-afirmação e auto-poder, mas ao contrário, esse novo culto, longe de estar a serviço do ho mem ou dos valores que fomentam a vida, liga-se a novas for mas de servidão e domesticação.

E o que entendemos aqui por desenvolvimento perso al ? Este é compreendido como a capacidade humana de reali zar as próprias potencialidades em qualquer fase da vida ; de fazer-se e refazer-se; de construir sua história, de par ticipar. Não se trata, pois, de focalizar fases específicas nem de restringir o conceito de desenvolvimento à infância e adolescência. A escolha do termo "desenvolvimento", ao in vés de "saúde" que lhe é, de certo modo, equivalente na con cepção aqui adotada, prende-se ao fato ou à intenção de fo calizar prioritariamente o aspecto de dinamicidade, evitan do a simples oposição à doença.

Buscamos conhecer, nas diversas abordagens estuda das, os aspectos internos e externos das restrições à ex pressão do corpo. Tais abordagens, não obstante a divergên cia dos enfoques teóricos, apresentam, no aspecto de que tratamos, certa convergência e complementariedade.

Colocamo-nos de início face à opção entre um estu do em maior profundidade de uma determinada proposta, ou a seleção de teorias nas quais, pudéssemos situar o tema que

nos ocupa. Optamos pela segunda.

Pretendemos identificar diferentes aspectos que, a respeito do tema em apreço, colocam-nos os discursos teóricos dos autores estudados.

Chama-nos especial atenção o fato de que numerosos estudiosos do psiquismo e outros, mencionem, a partir de suas experiências clínicas, as marcas negativas do chamado processo de civilização, cujos procedimentos encaminham-se no sentido de negar aos indivíduos seu desenvolvimento pleno, atrofiando-os e enrijecendo-os.

Temos presente que a realidade da qual se pretende apreender alguns aspectos, apresenta-se fluida, complexa e contraditória. Não se trata, pois, evidentemente, de buscar relações simples e lineares, visto que o complexo de fatores que entram na consideração do tema em apreço, não permite fazê-lo. O contrário seria deformação, uma vez que neste terreno nada determina nada em termos absolutos.

Embora o núcleo do trabalho aponte para o aspecto individual, a partir de categorias médico-psicológicas, o fio básico, o que constitui pano de fundo do mesmo é a consideração da relação indivíduo-sociedade onde o primeiro constrói a segunda e é por ela construído. Onde, falar em termos de eventos sociais que bloqueiam o desenvolvimento pessoal significa, ao mesmo tempo, falar nos termos inversos, ou seja, no bloqueio ao desenvolvimento ou à saúde dos indivíduos interferindo nos eventos sociais e no posterior desenvolvimento da sociedade.

Assim, o psicológico e o social não constituem blo

cos estanques, mas interpenetráveis, em interdependência e tensão constantes.

O problema corpo-desenvolvimento é, deste modo, estudado basicamente através das aquisições da psicologia, mas tendo em vista, ao mesmo tempo, o contexto que o condiciona e que condiciona a ciência que o aborda.

O binômio corpo-desenvolvimento necessariamente se amplia para formar o trinômio corpo/desenvolvimento/sociedade, com diferentes posições na hierarquia das determinações, de acordo com o momento, com os diferentes movimentos e ondulações da realidade, os quais formam variações e configurações diversas, na interpenetração dos fatores em jogo.

Importa perguntar-nos sobre o tipo de interesses que comporta a cisão a nível dos indivíduos, as restrições que a ela conduzem e que reduzem o corpo à inexpressão. Ou a ideologia que acentua a dicotomia responde a uma divisão a nível da sociedade ?

O problema abordado é, pois, filosófico e sociolôgico, cultural e médico-psicológico. Este tem suas raízes na história social do corpo, no lugar por este ocupado no sistema de poder.

A preocupação subjacente ao estudo da expressão do corpo relacionada à saúde/desenvolvimento, situa-se no predomínio que dá a educação ao aspecto cognitivo - verbal, supervalorizando o desenvolvimento das funções intelectuais e só secundariamente, pensando o corpo. Como se admitisse, na prática, que o intelectual pudesse prescindir ou ser destacado dos demais aspectos do desenvolvimento.

Uma questão a considerar é que esta educação possa vir a constituir, não apenas uma ação castradora, mas dissociativa, representando mais danos que benefícios às pessoas envolvidas.

Outros fatos que aqui se evidenciam e que já se encontram no domínio da obviedade dizem respeito à não permanência e a não disponibilidade prática para os sujeitos (ou objetos) dessa educação, daquilo que a mesma tenta veicular. Ineficácia que nasce, possivelmente, da desvinculação com o corporal.

Os passos que seguimos na estruturação do trabalho assim se organizam:

Faremos inicialmente algumas considerações genêricas sobre a nossa herança filosófica, sobretudo do pensamento platônico, no que se refere à noção do corpo.

Desses aspectos relacionados com o pensamento filosófico, passamos a levantar alguns pontos que se situam na esfera do político e do social, mantendo, entretanto, a referência aos estudos feitos, às colocações dos autores estudados, suas referências ao corpo, à saúde, ao desenvolvimento.

Tratamos, em seguida mais especificamente do núcleo do trabalho, ou seja, da questão da expressão do corpo, dos problemas psíquicos e somáticos ligados à negação do corpo e às restrições à sua expressão, a qual, no nosso enfoque, é a expressão pessoal.

Abordamos as contribuições freudiana e reichiana com relação à expressão da vida instintiva. Outros aspectos da expressão pessoal vêm-los nos aportes teóricos de outros autores, incluindo os de um sistema atual de reeducação e terapia corporal do qual participamos durante alguns anos como integrante de grupos de vivência e formação: a Biodança. Seleccionamos, por fim, uma prática de expressão do corpo - a dança - sobre a qual faremos algumas reflexões, sem, contudo, apoiar-nos sobre uma pesquisa desta prática.

Situamos, finalmente, a Educação face à problemática do corpo.

CAPÍTULO I

FILOSOFIA E POLÍTICA DO CORPO

OBSERVAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Os discursos científicos do corpo costumam apontá-lo em relação conflitiva com uma realidade externa, a qual é representada pela civilização ou pela sociedade.

Esta relação é absolutamente desigual em termos de poder, roubando ao indivíduo a autonomia, asfixinando-lhe as potencialidades e até mesmo conduzindo-o à doença.

É de considerar-se que, nesse processo, o corpo é, por assim dizer, destacado do indivíduo, deixa de ser o próprio homem, reduz-se a coisa.

A coisificação que se dá a nível das práticas sociais, assenta-se em uma determinada concepção do corpo, em uma certa visão de homem. E vice-versa.

O presente capítulo considera:

- . Algumas idéias básicas do pensamento ocidental sobre o corpo, destacando suas origens em algumas concepções filosóficas, sobretudo platônicas.
- . A destituição do poder e os mecanismos restritivos à expressão pessoal. O poder sobre o corpo e o poder do corpo.
- . O conflito com a realidade social, conforme é visto nas teorias freudiana e reichiana, basica

mente.

1.1. HERANÇA FILOSÓFICA DA NOÇÃO DE CORPO

Antes de entrarmos na questão dos bloqueios à expressão do corpo e de suas relações com o não desenvolvimento e o não poder, situamos, em linhas gerais, alguns aspectos mais notórios de nossa herança filosófica da noção de corpo, focalizando o dualismo na antiguidade grega, particularmente as idéias platônicas.

Vivemos em toda a nossa experiência existencial , herdeiros que somos da filosofia grega - e particularmente da filosofia platônica - um forte predomínio do intelecto sobre o corpo.

As religiões judaico-cristãs e toda a cultura ocidental veiculam a idéia da separação corpo/alma, corpo/espírito, corpo/mente, sendo o segundo elemento considerado a essência do ser humano. Este seria uma composição de elementos absolutamente desiguais no sentido de natureza e valor, dos quais um é essencial. O outro, pela lógica do raciocínio, seria acessório ou accidental. Predomina ainda a concepção do corpo como um entrave à elevação da alma, o objetivo supremo da vida.

Não obstante a exaltação, pelos poetas helênicos, do corpo sadio, das qualidades físicas, a cultura grega clássica vê o homem essencialmente como alma imaterial, sendo o corpo uma morada-prisão, lugar de sua passagem transitória pela existência terrena.

A filosofia platônica traz a marca da dualidade entre razão e sentidos, afeto e conhecimento, corpo e alma.

Somente o conhecimento pela razão pode compreender o eterno, operando esta razão independentemente, pairando acima e além da experiência sensível.

Para Platão o corpo é o lugar do aprisionamento da alma, é parte do mundo das sombras, da efemeridade e da contingência, ao qual se opõe o mundo das Idéias, das essências, da imutabilidade.

O mundo material, e o corpo que a ele pertence, achase, para o eterno, de onde partiu a alma, como a coisa para a sua sombra. Entretanto, enquanto que, na imagem referida, a sombra não se opõe à coisa que reflete, há, por outro lado, a conotação de bem e de mal ligadas às concepções de alma e corpo.

A alma imperecível, pré-existente, eterna, oriunda do reino do ser, confina-se em um corpo que, não obstante ser de natureza diversa, pode contagiá-la levando-a às paixões consideradas de baixa espécie.

O fenômeno da existência do homem coincidiria, deste modo, com o acontecer, para a alma, de sua condenação ao encarceramento. Coexistiriam nele realidades absolutamente incompatíveis e, conseqüentemente, incapazes de misturar-se ou de fundir-se.

O corpo é a condenação; é a grande desventura de uma alma que, sem ele, seria pura:

*"Não tínhamos mácula nem tampouco contato com es
te sepulcro que é o nosso corpo ao qual estamos
ligados como a ostra à concha". 1 .*

As ostras humanas, pois, caminhariam sob o peso de suas conchas até desprenderem-se destas e alçarem ao eterno mundo das Idéias, de onde partiram e onde contemplaram o ser verdadeiro.

É na vitória sobre o corpo, enquanto obstáculo a sua ascensão àquele mundo do eterno que reside a meta da alma humana.

Não ao corpo, não ao mundo do mal e das sombras , nos quais esta filosofia nada vê de positivo, senão as recordações, as reminiscências de um passado vivido pela alma em seu estado anterior, no além.

É evocando essa reminiscência do passado que Platão admite a possibilidade da descoberta da beleza no corpo.

Assim, não obstante a contingência dos sentidos, sua pouca valorização, a vista, que é considerada o mais nobre, pode captar a beleza, fazendo com que a alma remore seu estado anterior, antes da condenação ao aprisionamento corpóreo.

O fato de que tais lembranças da alma possam ser despertadas pela visão de um corpo, parece constituir, no contexto dos Diálogos, uma concessão à crença grega no divino Eros.

"Aquele que não foi recentemente iniciado ou que se corrompeu, não se alça com ardor para o além, para a beleza em si mesma. Apenas conhece o que aqui se chama belo e ao que vê não adora. Como um quadrúpede, dedica-se ao prazer sensual (...)"

A experiência do amor entretanto, é positiva enquanto reproduz uma emoção vivida pela alma em sua existência anterior.

"O que foi iniciado há pouco e que outrora muito contemplou, ao ver um rosto divino ou um corpo que bem reproduz a beleza, sente certa estranheza e um pouco da emoção de outrora e volta pois a olhar este belo corpo, adora-o do mesmo modo que a um deus". 2 .

Não obstante esta tentativa de conciliação, o desprezo pela realidade presente e corpórea constitui a tônica dessa filosofia cuja meta é o desprender-se e renunciar ao que é visível e material, de modo a alcançar o imaterial e invisível, a obter o conhecimento racional, visto que a essência não se encontra no corpo nem no mundo da matéria. Estes são contingentes face ao verdadeiro e eterno.

Voltar àquela existência anterior, ao mundo das idéias, e desligar-se das coisas terrenas, elevar-se "da multiplicidade das sensações à unidade racional", livrar-se dos apetites e afetos, das amarras da vida corpórea constitui o ideal segundo a filosofia de Platão. Ao filósofo caberia a missão de promover essa liberação e separação

das cadeias do corpo.

A influência dessa filosofia atravessou o tempo e o espaço. Seu pensamento enraizou-se profundamente na cultura ocidental e ainda nessa linha caminham a moral e a religião até os nossos dias.

O homem é um ser dividido. O bem e o mal nele coexistem identificados, de certo modo, com a alma e o corpo. Deixa de ser uma unidade passando a constituir uma dualidade em permanente confronto.

O corpo deve ser vencido, para que a alma possa elevar-se ao ser puro.

Não merecem importância os corpos, seus instintos, as coisas materiais, o mundo. O transitório deve ser preterido, ante o definitivo e essencial.

A idéia de corpo até hoje veiculada sobretudo pelas religiões cristãs designa essa efemeridade, materialidade, contingência. Versus a permanência, espiritualidade, essência e imortalidade da alma. É a visão platônica atravessando os séculos.

Em Aristóteles o corpo é concebido como uma matéria que recebe a sua forma e esta constitui a alma.

O hilomorfismo aristotélico afirma a unidade substancial do corpo-alma, visto que não se pode conceber a matéria sem a sua forma, a visão ou a audição sem os seus órgãos respectivos. Permanece, no entanto, a influência do dualismo platônico, a qual se faz presente na idéia do espírito, que é infundido no corpo-alma e constitui um reflexo da divindade.

Este espírito, segundo afirma Rhodes, é separável da matéria-forma à qual foi infundido, visto que, sendo eterno, não nasce com o homem nem partilha a sua natureza.

É importante notar que, embora não fazendo parte da identidade do indivíduo, não se confundindo com as personalidades individuais, o espírito é "o que, no homem, pensa e julga". 3 .

Um corpo-alma, por um lado, um espírito de natureza diversa, por outro, coabitam no homem. Entretanto, nesta teoria o corpo não é concebido, à maneira platônica, como impecilho para atingir o fim último da vida, nem tampouco como passível de contagiar a alma ou o espírito. A felicidade deste, que é a pura contemplação, é alcançada com a participação do corpo-alma.

Não há uma intenção valorativa ou uma orientação ética nesta concepção.

Mas parece de algum modo presente, embora atenuada e sob um outro aspecto, a antiga dualidade.

O dualismo que caracterizou o pensamento platônico, encontramos-lo no século XVI, em Descartes, mantendo a idéia de uma essência humana representada no "cogito".

Para a filosofia cartesiana, o homem articula em si duas realidades, totalmente distintas: uma que pertence à ordem das coisas extensas, a outra, a das inteligíveis. O corpo pertence àquela primeira ordem de coisas.

Persiste, pois, a idéia de uma essência do homem, a qual, segundo Descartes, decorre do pensar. É o cogito que define o ser do homem, embora se vincule necessariamente

te ao corpo, o qual pertence a uma outra substância inteiramente diversa da espiritual e inteligível.

São estas em linhas gerais, as idéias que constituem em parte de nossa herança ocidental da noção de corpo. Onde teriam sido geradas ? Que relação teriam tais idéias com a realidade vivida pelos seus detentores ?

A considerar pela ótica marxista, as "formas de pensamento" refletem uma estrutura social determinada. Assim, as "Relações jurídicas tais como formas de Estado não podem ser compreendidas nem a partir de si mesmas nem do assim chamado desenvolvimento geral do espírito humano (...). Na produção social da própria vida os homens contraem relações determinadas necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção (...). A totalidade dessas relações forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura política e jurídica e à qual correspondem formas determinadas de consciência". 4 .

Se partirmos dessa afirmação, estranharemos o fato de que sociedades tão diversas como a grega escravagista, a burguesa medieval e a capitalista moderna mantenham, com relação ao corpo, as mesmas concepções básicas. Ou seja, como puderam, através dos séculos, conservar a dicotomia corpo/alma ou corpo/mente ? M. Chauí analisa esta questão, procurando demonstrar a existência, de fato, e sob diferentes formas, de uma sociedade dividida. Aponta como a sociedade grega refletiu-se na teoria aristotélica das quatro causas hierarquizadas.

Nessa hierarquia, afirma, a causa eficiente era a menos importante, a que diz respeito ao trabalho não puramente intelectual, ao fazer, o que, em um paralelo com a escala social, corresponderia ao trabalhador ou escravo, enquanto a causa mais importante, a final, corresponderia ao cidadão grego, àquele que dita as finalidades do que é produzido pelo trabalho escravo.

Paralelamente, na Europa medieval, a causa eficiente teve seu correspondente, em escala de valor, no servo; e a causa final, no senhor do feudo.

Em sintonia com essa divisão ou, de certo modo, implícita nela, acha-se a concepção de homem: um espírito, vontade livre, causa final e mais importante; e um corpo, causa eficiente.

Esta concepção permanece ainda mesmo quando, conforme observação dessa autora, a natureza passou a ser considerada de modo diverso, dispensando a referência a uma hierarquia de causas.

Na sociedade capitalista o raciocínio aplica-se ao proprietário e ao trabalhador. Este representando apenas a face mecânica do trabalho, a máquina corporal. 5 .

Sem deixarmos de ter presente esta relação apontada, julgamos conveniente acrescentar que as formas de pensamento são, igualmente, determinantes e, neste sentido , reprodutoras ou não das chamadas estruturas econômicas. E isto na medida em que a realidade é introjetada, em que seus elementos nutrem (ou desnutrem ?) os corpos que a assimilam, na medida em que o social incorpora-se.

O dualismo na concepção do homem refletiria, deste modo, a experiência de vida de seus criadores, suas vivências e a necessidade de racionalizar as disparidades de seu mundo. A experiência pessoal não podendo destacar-se do seu contexto social e político.

A questão filosófico/ideológica chama-nos a atenção enquanto elemento de justificação das restrições à expressão do corpo e, conseqüentemente, enquanto se faz presente às inibições e mutilações que as mesmas acarretam e que aqui são enfatizadas.

A imagem platônica de "sepulcro" é significativa para definir os reflexos, a nível do sujeito humano, dessa divisão.

As sociedades que nesta concepção assentaram a sua ideologia legitimadora das restrições ao corpo, têm que assassinar o sujeito vivo para encerrá-lo nesse túmulo. E parece que vêm conseguindo fazê-lo.

Será este um momento de resgate ?

Poderá o movimento que se vem chamando de redescoberta do corpo, com as ambiguidades que o caracterizam, mover-se no sentido de fazer ressurgir o indivíduo inteiro ?

Na consideração de tal questão incluem-se certamente, entre outros fatores, os efeitos de poder que tais movimentos eventualmente possam engendrar e nos quais nos deteremos no ítem a seguir.

1.2. EXPRESSÃO DO CORPO E PODER

Ao abordar a expressão do corpo, evidencia-se a questão do poder. Seu estudo leva-nos necessariamente a considerações referentes à detenção, abdicação, construção ou transferência de poder.

Trata-se, com efeito, ou do domínio da sociedade, das instituições, sobre o indivíduo, restringindo-lhe a expressão, negando-lhe o corpo, bloqueando-lhe a energia ou canalizando-a (se isto é possível) para objetivos alheios à vida ou reforçadores do estabelecido. Ou do auto-domínio, do auto-poder e da consequente capacidade de criar, participar e harmonizar-se com o mundo em que se vive, recriando-o a partir de novos valores.

O estudo dos bloqueios ao crescimento pessoal nã poderia isolar-se no conhecimento das funções e disfunções do organismo humano em seu confronto com a realidade ou com uma realidade determinada.

A problemática colocada por esse confronto e que envolve as questões saúde/doença, desenvolvimento/nã desenvolvimento, corpo inteiro/corpo fragmentado nã podem deixar de ser referenciadas à questão política. Esta coloca-se, como cenário ou pano de fundo, atrás dos processos que engendram e constituem as enfermidades e o nã crescimento.

É tendo em vista a necessidade dessa referência que, antes de iniciarmos os capítulos que tratam mais diretamente das diversas teorias sobre o tema em apreço, abrimos este para levantar, inicialmente, algumas considerações

Acreditamos que as formas mais radicais de bloqueio ao corpo, são as ditadas pelo sistema político.

Utilizados em função do capital de modo a assegurar sua produção e reprodução, os corpos, sobretudo em algumas camadas sociais, pouco conseguem expressar além da própria energia física, forçados a alhear-se do próprio projeto existencial a fim de servir a outras intenções e objetivos. O sistema social coloca-os ante a "opção" de viver ou sobreviver.

Corpo mutilado, uma vez que sua atividade representa, não a auto-expressão, e sim, uma produção automática. Desse modo, é castrado na sua autonomia, no seu poder. Mercadoria comercializável.

Ao impor os fins, os meios e as técnicas para o trabalho, o poder social começa por abafar a expressão do corpo, enquanto expressão criativa.

O corpo, que se expressaria criando, transformando a natureza a qual já fora chamada seu "corpo inorgânico", reduz-se a uma máquina humana cujo desempenho equipara-se ao da máquina-objeto à qual se articula, não para humanizar as coisas mas, ao contrário, para coisificar-se na geração ou regeneração incessante do mesmo processo. Processo de cisão do indivíduo em um corpo-coisa usável e vendável, de um lado, e, de outro, um intelecto-intuição-expressão em permanente asfixia. Esta cisão, ao expressar-se na prática e na ideologia, reforça-se e se reproduz.

Assim como a máquina, ao operar mecanicamente nos grandes complexos industriais não se expressa a si mesma,

assim os corpos do trabalho produtivo, conforme já foi am
plamente denunciado.

Acreditamos, que o problema da expressão do corpo apresenta-se, de modo mais absoluto, na restrição à pró
pria vida, nos níveis de mortalidade. Além disto, no atra
so do crescimento físico, neurológico e intelectual que , em nossa sociedade, resulta da desnutrição e da fome crônica que afeta vastas camadas populacionais, as quais acham
se impedidas radicalmente de expressar seu potencial bioló
gico, seu potencial humano, seu corpo.

Em outros níveis menos dramáticos, o poder insti
tucionalizado impede muitas vezes a expressão pessoal a ca
madas da população, pelo fechamento das vias de desenvolvime
nto das potencialidades inatas. Assim, o acesso a um de
terminado campo de atividade é seletivo, não por critérios vocacionais, e sim por determinações sociais e econômico-financeiras.

Não é objetivo deste trabalho abordar a questão
política em si, senão na medida em que se relaciona com o corpo e sua expressão, sendo impossível ilhar este tema de seu contexto de relações no qual sobressai o aspecto polí
tico como, até certo ponto, determinante.

Cremos, todavia, que os indivíduos reduzidos à inexpressividade, em si mesmos remetem àquela questão, vis
to que trazem impresso nos próprios corpos uma história de poder e, desse modo, se fazem espelhos e sintomas de uma realidade que os ultrapassa.

Deixamos para outros trabalhos a abordagem das

formas absolutas e radicais de não expressão, que dizem respeito diretamente à estrutura social, ao aspecto de sua macro-política, e voltamos às questões menos estridentes e que aparecem com menor evidência, da micro-política da expressão do corpo, sem todavia, esquecer a interpenetração dos aspectos macro e micro do poder.

A interceptação da expressão humana e os distúrbios que acarreta ao crescimento pessoal não podem deixar de ser vistos como perda de poder, o qual é, ao mesmo tempo, fator e consequência de crescimento a nível pessoal e social.

Os autores estudados, ora direta ora indiretamente o abordam.

Fala-se de um "partidarismo" do ego em favor do mundo externo e em oposição ao mundo interior, como traço fundamental da doença neurótica; e da "abdição do poder por parte do indivíduo encurralado pelas influências do id e do superego". 6 .

É justamente a teoria freudiana do inconsciente que destrona a vontade humana do centro do poder, como instância determinante e livre das ações e escolhas individuais. O processo repressivo comporta certa perda de auto-conhecimento, retirando ao indivíduo os elementos de análise e, conseqüentemente, reduzindo seu campo de ação face à realidade.

Alargado o campo do inconsciente para a esfera corporal, a repressão pode ser considerada como a "anti-expansão psico-física" a qual se reflete na esfera mais am

pla da política, conforme concluiu a teoria reichiana, se gundo a qual o autoritarismo capitalista teria na repres são do corpo sua força e elemento de continuidade, visto que aquele encontra-se relacionado com os caracteres obedi entes e desejosos dessa autoridade.

E aqui vale lembrar a ação da ideologia.

Os valores na sociedade não são apenas impostos, no sentido mais objetivo do termo "imposição". Eles se in corporam nos indivíduos bloqueados em sua expressão, os quais internalizam tais valores, assimilam a ideologia por eles veiculada, identificam-se com ela, transformando-se à imagem e semelhança da mesma sociedade que os bloqueou.

Assim, como já o dissera Reich, a ideologia não constitui apenas o conteúdo de idéias que os indivíduos trazem em suas cabeças, mas se torna uma força material, visto que molda a estrutura psíco-física, através dos pro cessos de identificação e dos inúmeros mecanismos defensi vos acionados, sobretudo na infância, diante das forças ex ternas repressoras. As relações familiares, em certo senti do, representam, em seu nível, para o indivíduo, as rela ções mais amplas de poder numa determinada sociedade.

Tanto o neurótico de Freud como o encouraçado de Reich trazem a marca dessa abdicação de poder, dando lugar, assim, a uma exigência interna de conservar rígidas e in tactas as regras de fora, por incapacidade de criá-las à sua medida, pela restrição e auto-restrição da liberdade de escolher, de participar, de mover-se.

Tanto o neurótico, como o encouraçado partilham

de um tipo de empobrecimento do qual somente as coisas estabelecidas poderiam beneficiar-se, permanecendo intocadas. Estas coisas seriam as instituições e a própria pobreza e enrijecimento. Para esta permanência concorrem os medos que carregam consigo as personalidades que tiveram seu crescimento e expansão atrofiados; as contradições internas que as fazem buscar fora de si mesmas regras e normas que orientem sua conduta; a ideologia com seu sistema de valores, sobretudo no que se refere à divisão corpo-mente e a sua sobreposição.

Os sistemas opressivos, restringindo a expressão do corpo em muitos dos seus aspectos, inibem o desenvolvimento enquanto expansão, movimento, poder. Desta inibição do desenvolvimento falarão outros capítulos deste trabalho.

As forças repressoras, as relações autoritárias que lhe são próprias, silenciam o corpo e impedem formas de participação, sufocando a agressividade enquanto força vital, nas populações, que são empurradas para a margem do poder.

Até mesmo a participação das populações nos governos que pretendem democratizar-se supõe essa agressividade, e está ligada também a outras formas de expressão que envolve necessariamente o corpo.

Os procedimentos restritivos, inibindo a auto-confiança, cria obstáculos à participação popular, ainda quando esta passa a ser desejada e, neste caso, só uma reeducação poderá levar novamente o indivíduo a fazer-se presente, a expressar-se.

A não participação é uma das lições aprendidas do autoritarismo repressivo e que, por sua vez, o reforça.

A tendência à não participação e à passividade, quando se trata de indivíduos ou populações oprimidas e habituadas ao autoritarismo e às relações verticais de poder, pode tornar-se uma conduta automática, a forma como o corpo aprendeu a comportar-se. E a liberdade não seria reconquistada por lições cognitivo-verbais dissociadas de uma reeducação pela experiência de auto-poder, experiência que comporta uma nova aprendizagem. Aprendizagem que chamaríamos corporal para distingui-la das puras informações discursivas.

A participação ativa constitui, para o indivíduo enrijecido - para usar o conceito reichiano - algo penoso, tornando-se desejável o autoritarismo imobilizador.

Muitas das lições aprendidas não verbalmente compreendem a não expressão, subentendendo o não poder. A sua substituição é, desse modo, difícil e lenta, além de requerer a supressão dos reforços do cotidiano atual, esse cotidiano que, em nossa realidade social acha-se, conforme veremos a seguir, em conflito com a vida.

1.3. CORPO E REALIDADE SOCIAL

Vida e sociedade em choque. Esta é uma questão que se coloca ao tratar-se da expressão do corpo. Conflito necessário ?

Importa distinguir as diferentes formas de organização social e perceber o que, na sociedade, vai de encontro à vida e ao desenvolvimento dos indivíduos.

Tem-se apontado, de diferentes modos, que valores de ordem biológica e de ordem social nem sempre caminham na mesma direção, daí resultando indivíduos mutilados psicologicamente ou abortados em sua realização como pessoas. Que valores são esses ?

Nos diversos enfoques aqui estudados faz-se presente a questão do corpo, das restrições à expressão pessoal, fazendo supor a existência, entre os valores sociais, de um que dicotomiza corpo e mente, subvalorizando aquele. Não se trata, evidentemente, de valores originários dos indivíduos ou das populações, mas que ter-se-iam gerado por imposição de uma realidade externa e incorporados pelos indivíduos "civilizados".

Em diferentes autores, a questão do corpo, no sentido que nos ocupa, é encontrada e diz respeito a uma espécie de castração por parte da civilização ou da sociedade.

J. Lepers refere-se à castração como inerente a toda sociedade, nascendo dela as civilizações, as quais substituem o prazer físico pelo simbólico, representado pelo va

lor, o falus. Estaria presente tanto em uma comunidade au
traliana primitiva como nas monarquias e nas sociedades ca
pitalistas modernas, apenas sob diferentes formas, divergindo
do os sistemas de valor. A questão que se coloca, entretanto
to, não é a da restrição do corpo em si, visto que qualquer
cultura supõe um certo nível imposto pelas próprias necessida
dades de convivência. Trata-se de perceber os níveis restriti
tivos como ameaçadores da integridade pessoal, no sentido
que Marcuse chamou de "mais repressão". São os níveis res
tritivos impostos pelo sistema de dominação, restrições que
se manifestam direta e indiretamente, sob formas variadas
de controle e que talvez respondam, em parte, pelo que foi
chamado de "enfermidades da civilização".

O autor da psicanálise, não obstante constatar as
marcas negativas no desenvolvimento pessoal do que chamou
de civilização, considera esta ora como algo ao mesmo tempo
imprescindível e prejudicial ao desenvolvimento sadio - o
que soa paradoxal - ora como aliada de Eros na construção
da família humana.

Embora esse autor interrogue-se sobre a possibilida
dade de uma realidade diversa da que gera as neuroses e os
problemas no desenvolvimento da personalidade, algumas de
suas colocações parecem não distinguir o que caracteriza o
processo civilizatório enquanto ampliação da capacidade hu
mana para aumentar seu poder face à natureza, e os sistemas
sôcio-econômicos de dominação.

A oposição ou o choque de que falamos é, neste au
tor fortemente enfatizada e ao mesmo tempo relativizada. A

borda a luta que se trava entre o corpo/instinto e a realidade, aquele regido pela busca do prazer face aos obstáculos e restrições desta. A "civilização" seria, de tal modo, avessa à felicidade individual, que seria praticamente inevitável fugir à doença ou seguir na direção do desenvolvimento pleno sem fugir da civilização.

"É fácil a um bárbaro ser sadio, para um homem civilizado a tarefa é árdua". 7 .

Logo, saúde versus civilização.

Mas admite, como vimos, esses riscos não apenas como inevitáveis, mas até mesmo, de certo modo, necessários. Centrando seu enfoque nos processos internos biopsicológicos, apenas constata suas conexões e determinantes na sociedade, que é tratada como um dado, não como organização que comporta jogos de interesse e objetivos alheios à vida. Não entra, portanto, nos porquês mais profundos da aludida hostilidade desta civilização para com o corpo, o indivíduo. Embora inicialmente admita que a civilização possa proceder de modo a não negar o que chamou de felicidade individual, sua perspectiva neste sentido vai se tornando progressivamente mais sombria.

Mas, não obstante o caráter de inevitável pareça prevalecer no contexto geral dessa teoria, seu autor chega a fazer uma incursão no aspecto político das relações entre coerção instintiva e sociedade, a deduzir da afirmação que se segue e que destoa do tom habitual de suas colocações, aparecendo com uma coloração marxista ou reichiana :

"Fica-se com a impressão de que a civilização é algo que foi imposto a uma maioria, por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de coerção". 8 .

Com efeito, poderia a civilização, enquanto processo de tornar possível e facilitada a convivência e a formação dos agrupamentos humanos e de aumentar seu poder face à natureza, produzir os doentes neuróticos e as personalidades enfraquecidas ante as dificuldades e os problemas inevitáveis ?

O conflito com a civilização manifesta-se também neste autor com relação à agressividade, que o mesmo identifica com destrutividade, conforme veremos em outro ítem deste trabalho. Assim considerada, a contenção da agressividade, não obstante ser nociva para a saúde, é legitimada como a defesa, por parte da civilização, desse inimigo potencial, capaz de destruí-la. A legitimação da contenção da agressividade, assim concebida, constituiria, inclusive, a proteção dos indivíduos contra as possíveis irrupções das forças destrutivas dos mais fortes.

Assim, a expressão instintiva é defendida mas ao mesmo tempo, relativizada. Essa relativização se acentua ainda pela descoberta de uma característica do instinto, a de substituir seus fins.

Aparentemente tal possibilidade mudaria de modo substancial, a visão da oposição de que falamos aqui, uma vez que se trataria, não de bloquear a expressão de um im

pulso, e sim, de oferecer-lhe objetivos culturalmente aceitos. Desviadas de seus objetivos iniciais, as forças instintivas, apenas expressar-se-iam sob novas formas. Daí os interesses, na contenção da sexualidade. Mas, além de supor um limite para tais deslocamentos, adverte-se que somente poucas pessoas, talvez especialmente dotadas, poderiam beneficiar-se dos mesmos. Seus benefícios seriam utilizáveis pelos artistas e intelectuais.

A relativização do conflito tornar-se-ia ainda maior se se ampliasse o conceito de trabalho artístico de modo a abranger uma gama muito grande de manifestações nas quais a fantasia ou o compromisso desta com a realidade poderia ser expresso ou materializado; e, por outro lado, se se considerasse que, na sociedade de classes, é o entrave a essas manifestações - intelectuais, artísticas - que fala muito mais alto, pelo fechamento, a muitos, das vias de acesso ao desenvolvimento de tais potencialidades.

Entretanto, o que consideramos essencial salientar na presente teoria, é que o conflito ou a oposição de forças não se dá apenas entre a sociedade e o indivíduo, mas neste consigo mesmo. E não apenas por introjetar os valores da sociedade, de modo a identificar-se com quem o reprime, constituindo-lhe um agente ou um representante interno. Mas também, e sobretudo, por trazer em si mesmo o impulso à vida e à não vida. Admite-se, assim, uma espécie de paradoxo da vida humana, um ser que reúne em si mesmo a vida e a morte, as forças para a existência e o impulso de volta. Tal indivíduo, assim constituído, parece não ter muito a reivin

dicar de uma sociedade repressora visto que, por força de sua própria organização instintual, não caminharia necessariamente para a frente, na direção da vida. Haveria, pois, um conflito intrínseco, ainda que, hipoteticamente, as instituições da sociedade resolvessem servir à vida humana.

Vejamos outras perspectivas.

Foi Reich quem, partindo das descobertas e dos postulados da psicanálise, buscou penetrar nas raízes mais fundas da oposição que nos ocupa, utilizando para tal elementos da análise marxista. Recusou-se a admitir um conflito necessário e inevitável, para denunciar forças e interesses inerentes à sociedade capitalista, com seus mecanismos de opressão.

A restrição à expressão, que a sociedade impõe, foi denunciada como nociva ao desenvolvimento e à saúde, justificando-se porém este procedimento como necessário à evolução cultural. Este autor, entretanto, vai enfatizar os porquês dessa imposição e o tipo de sociedade que a explora. A civilização, segundo este, só se beneficiaria na medida em que produzisse indivíduos sadios e livres de expressar-se instintivamente, pois que somente estes seriam capazes de sublimação, quando esta fosse exigida. Mas rejeita esta última como inviável e menos ainda como saída terapêutica para neuróticos.

A sociedade repressora não é aqui justificada por obstruir as manifestações dos indivíduos no que se refere à sexualidade, seja sob alegação da produção de bens culturais, seja por considerar esse procedimento inevitável e ne

cessário pelo perigo que constituiriam os impulsos biológicos desbloqueados. Parece diversa, pois, sua visão de homem. O impulso agressivo não se identifica com o de destruição ou de morte, mas direciona-se no sentido da vida. São, ao contrário, as agressões das sociedades ao que constitui exigências biológicas básicas, as geradoras de comportamentos e impulsos destrutivos e anti-sociais.

Uma incursão em pesquisas etnológicas levou-o a fortalecer as citadas posições. Cita, neste sentido, estudos feitos por um etnólogo inglês a respeito de uma comunidade primitiva de organização matriarcal nas ilhas de Tro briand, na Nova Guiné. Aquele estudioso, tendo vivido aí e pesquisado seus costumes durante vários anos, afirmara não haver encontrado "um único homem, uma única mulher histérica ou pelo menos neurastênica ... (com) tiques nervosos nem impulsos mórbidos e idéias obsessivas".

O mesmo referido etnólogo faz referência a uma outra comunidade primitiva que fora igualmente objeto de suas pesquisas e cujos costumes, no que se refere à moral e à vida familiar, divergiam totalmente da anterior quanto à rigidez das normas coativas relacionadas com a sexualidade. O pesquisador, referindo-se à impressão que lhe causara esta última, fala de "uma comunidade de neurastênicos". Reich viu nessas pesquisas etnológicas um elemento significativo de confirmação de sua teoria, uma vez que as comunidades citadas diferenciavam-se fundamentalmente no que se refere à exigência de coação da sexualidade, em função de um tipo de sistema social. A primeira, de organização matriarcal, ca

racterizando-se por ampla liberdade e a última, na transição para o patriarcado, distinguindo-se pela vida familiar coativa e pela inflexibilidade das normas de controle vigentes. É precisamente nesta que se apresentam, conforme os aludidos estudos, os sintomas neuróticos.

Embora a ênfase seja colocada na sexualidade, importa notar que, ao citar as características dos primitivos trobriandeses a partir das pesquisas mencionadas, o autor salienta o tipo de relação existente entre pais e filhos, destacando a horizontalidade, a ausência de autoritarismo, a possibilidade dada às crianças de formarem agrupamentos e espécie de pequenas comunidades autônomas, a liberdade de escolher, de programar o próprio tempo, podendo optar entre a companhia dos pais ou dos colegas.

A partir desta descrição, somos levados a perguntar se a ausência de sintomas patológicos não poderia ter sido creditada a outros fatores, ou melhor, se os elementos observados relacionados com a saúde daquela população não deveriam ser colocados em um contexto mais amplo de variáveis, no qual estaria inserida a sexualidade. A não coação da expressão desta seria a decorrência do clima mesmo de liberdade, o qual favoreceria a auto-expressão como um todo. Neste sentido, afirmar a liberdade sexual seria afirmar igualmente a criativa, a de posicionar-se, de participar, a de escolher.

Com efeito, a história da repressão sexual, na última comunidade citada, teria passado pela transição de um tipo de sociedade para outra, com necessidades e interesses

de ordem econômica diversos. Tais interesses, ligados às formas de distribuição e herança da riqueza, teriam ditado o tipo de coação sexual adotado. E, como não se pode pensar em coação instintiva sem dominação, é evidente que ambas a pareçam conjuntamente. Mas a dominação que teria sido exigida por um objetivo específico dessa sociedade, não se restringe a este, abrangendo as personalidades totais. A inibição daí resultante não é, pois, restritiva à sexualidade. E, de certo modo, o autor o admite quando inclui que a personalidade saudável, não inibida, rebelar-se-ia contra a proibição da expressão sexual ou os rígidos limites que lhe são impostos.

A coação e o autoritarismo teriam surgido em função da necessidade da sociedade patriarcal capitalista de reprimir, mantendo sob controle, a sexualidade. Esta repressão estaria na raiz dos caracteres submissos. E seria igualmente o fundamento das neuroses e de outras patologias.

Se, porém, deslocarmos a ênfase da sexualidade, poderemos relacionar mais diretamente ou mais radicalmente a inibição da personalidade e o caráter submisso com o autoritarismo, enquanto bloqueador não da expressão sexual apenas, mas da expressão "tout court". Diríamos que o mesmo é necessário à coação sexual, sim, por ser inibidor de algo que lhe é anterior e que constitui a própria expressão e desenvolvimento da vida em suas múltiplas e específicas manifestações.

Os estudos mencionados abrem, pois, caminho para outras hipóteses, podendo ser levantados outros aspectos da

expressão ou, mais genericamente, substituindo-lhe o quali
ficativo sexual pelo pessoal. Aquele, evidentemente, inclui
do neste.

Para Reich, entretanto, a repressão da sexualidade
está na base da inibição total e tem uma função na socieda
de: a submissão às regras e normas sociais, servindo ambas
- repressão e submissão - a reforçar e perpetuar um determi
nado tipo de organização social e econômica.

*"Na sociedade fundada sobre a economia privada a
repressão sexual se torna a base da inibição psí
quica ...*

*A liberdade sexual torna-se o fundamento da liber
dade de caráter ...*

*A repressão autoritária da criança serve à cria
ção de uma estrutura adequada ao ser submisso, in
tegrado à organização da sociedade, que se repro
duz sem cessar nas próprias estruturas infantis".*

10.

Essa gestação pela sociedade de indivíduos submis
sos e rígidos ou prejudicados na sua evolução teria sua ori
gem, pois, nas restrições à vida instintiva, conforme enfa
tizam os mencionados autores e na qual nos deteremos nos ca
pítulos que seguem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ PLATÃO. Diálogos I. Tradução de J.Paleikat. s.l. Editora Tecnoprint S.A. Rio de Janeiro, s.d. p. 228.
- ² Ibidem, p. 230.
- ³ RHODES Erwin. Psique - La idea del alma y la inmortalidad entre los griegos. Fondo de Cultura Económica. México - B. Aires, 1948.
- ⁴ MARX, K. Para a Crítica da Economia Política. (Prefácio). Editora Abril Cultural, Coleção Os Pensadores. São Paulo, 1978, p. 130.
- ⁵ CHAUI, M. O que é Ideologia. Editora Brasiliense. São Paulo, 1981.
- ⁶ FREUD, S. Esboço de Psicanálise, Coleção Os Pensadores , Editora Abril Cultural São Paulo, 1978.
- ⁷ Ibidem, p. 228.
- ⁸ FREUD, S. O Futuro de uma Ilusão. Coleção os Pensadores, Editora Abril Cultural São Paulo, 1978 p. 88.
- ⁹ REICH, W. Irrupção da Moral Sexual Repressiva. Editora Martins Fontes.Porto, 1974.
- ¹⁰ Ibidem.

CAPÍTULO II

A EXPRESSÃO INSTINTIVA SEGUNDO FREUD E REICH

OBSERVAÇÕES INTRODUTÓRIAS

No capítulo anterior, procuramos levantar alguns elementos do contexto filosófico e político-social do tema que nos ocupa.

Entramos agora em nosso objetivo mais específico, o qual busca fundamentos teóricos que explicitem os aspectos bio-psicológicos da expressão do corpo e sua importância no processo de saúde/desenvolvimento pessoal.

O presente capítulo aborda tais aspectos, conforme os vemos nas teorias freudiana e reichiana, basicamente.

A referência constante à energia nessas formulações teóricas sugeriu-nos a inclusão de um breve estudo sobre o sentido da mesma, o qual introduz o capítulo.

2.1. EXPRESSÃO E ENERGIA

A expressão instintiva e emocional é abordada muitas vezes como liberação de energia. O corpo sendo um reservatório, emissor e receptor de energia.

As relações dos indivíduos entre si e com o mundo, sob este enfoque, poderiam ser vistas como trocas energéticas.

Essa energia é adjetivada, nas referências feitas pelos estudiosos do psiquismo e outros, como "afetiva", "psíquica", "instintiva", "biológica", "mental".

Vista sob esse aspecto, a expressão do corpo teria um sentido de liberação, escoamento ou regulação energética.

A teoria freudiana supõe a existência, na mente humana, de um certo tipo de energia, cuja natureza, entretanto, não é descrita ou caracterizada, referindo-se apenas a forças que geram tensões e que representam exigências corporais feitas à mente.

A energia citada emana, pois, do corpo, flui de fontes somáticas. Deste modo, o conceito de instinto situa-se na fronteira entre o mental e o corporal, uma vez estabelecida, analiticamente, uma linha demarcatória.

Conforme atesta a citação de um texto freudiano de 1894 em que trata das psiconeuroses de defesa, Freud acreditara inicialmente em uma forma de energia mental "que possui todas as características de quantidade (embora não

tenhamos meios para medi-la), que é capaz de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, encontrando-se espalhada sobre os traços de memória das idéias, de certa forma como uma descarga elétrica se espalha sobre a superfície de um corpo". 1.

Mais de quarenta anos depois, no entanto, confessa o total desconhecimento de sua natureza:

"Aqui aproximamo-nos do segredo ainda velado da natureza do psíquico. Presumimos, como as outras ciências naturais nos levaram a esperar, que na vida mental esteja em ação alguma espécie de energia mas não temos nada em que nos basear que nos capacite a aproximarmo-nos de um conhecimento dela através de analogia com outras formas de energia". 2.

Embora a referência à energia apareça várias vezes ao longo deste trabalho, nas citações dos autores estudados, ou ao tratar das suas teorias, destacamos aqui algumas alusões à mesma, as quais julgamos significativas em termos de pensar a expressão do corpo.

Referindo-se a uma paciente acometida de sintomas histéricos, Freud relatava que, ao reproduzir, sob efeito de hipnose, as cenas traumáticas cujo impacto pessoal não fora manifesto na oportunidade de sua ocorrência, a "energia afetiva" manifestava-se intensamente. Trata-se de uma liberação ou catarse, uma energia dita afetiva que fora represada, logo, um distúrbio de regulação.

Noutra ocasião, alude à "energia psíquica que a

civilização utiliza e que tem de ser tirada da sexualidade. Evidencia-se aqui a concepção da natureza transformável ou transmutável da energia. A chamada energia psíquica é aqui a mesma energia sexual, a qual é canalizável no sentido dos objetivos culturais.

Refere-se ainda à energia do instinto de morte, à transferência de um instinto para outro: "descobrimos que os instintos podem mudar de objetivo através do deslocamento, a energia de um transferindo-se para outro". 3. E ainda: "Podemos imaginar um estado inicial como sendo o estado em que a 'energia total disponível de Eros' acha-se presente no Ego-Id ainda diferenciado". 4.

Inúmeras são as referências e seria desnecessário continuar a citá-las.

É Reich quem vai explorar a questão da natureza dessa energia e enfatizar seu aspecto corporal. Em lugar de "energia psíquica" ou "afetiva" prefere qualificá-la de "biológica" e vai até a sua especificação, descobrindo-a como elétrica ou bio-elétrica.

Segundo o autor, esta energia elétrica é cósmica, uma resultante ou uma forma especial da que existe na natureza, na atmosfera e na radiação solar, e que é capaz de carregar a matéria orgânica. 5.

Deste modo, a força impulsionadora da vida passaria a ser algo concreto, tangível e, portanto, passível de ser registrado e utilizado.

Afirma que as leis físicas que governam a matéria inorgânica seriam as mesmas, de certo modo, para a matéria

viva, apenas com diferentes combinações.

"Na matéria viva as funções da mecânica (tensão-relaxação) e as da eletricidade (carga-descarga) combinam-se de um modo que é alheio à matéria não viva". 5.

"No seu funcionamento, a matéria viva é simultaneamente equivalente a uma forma diferente de matéria não viva". 6.

Essa forma nova de energia elétrica que atua nos seres vivos, ainda não lhe é de todo explicável, permanecendo, sob vários aspectos desconhecida, não obstante afirmo ter-lhe desvendado algumas peculiaridades relacionadas, por exemplo, com a velocidade e o movimento.

Sob esse enfoque energético, as perturbações neuróticas, passam a ser vistas, não apenas como resultados de conflitos e fixações infantís, mas de uma deficiência na regulação da energia bioelétrica do organismo humano. Esta deficiência de regulação estaria relacionada com a representação da genitalidade.

A descoberta de processos elétricos no estudo do corpo já havia sido feita por um médico berlinense e Reich a aplicou no seu estudo das funções sexuais.

O tema de energia, como tal, evidentemente sem a sua cientificação, está longe de ser novo. Como nos lembra P. Weil, a consciência de uma energia cósmica está presente desde milênios, entre muitos povos. A intuição de uma força por excelência existente no universo e o desconhecido

mento de sua natureza, fez com que esses povos a envolvessem em misticismo, como algo que ultrapassa os poderes naturais, relacionado com o divino, o misterioso. O mencionado autor cita um povo da Ásia Menor desaparecido há milênios, para o qual essa força divina é representada por uma serpente encontrada na cabeça humana de um corpo simbólico constituído de partes de animais, numa referência à conjugação, no homem, do intelectual com o emocional e instintivo.

Ao colocar-se a expressão do corpo na perspectiva da liberação energética, importa caracterizar a especificidade ou inespecificidade de suas vias de expressão. Esta questão remete às diferentes teorias que, sobre a organização impulsional, aportam os diversos autores.

A pergunta sobre como se move a energia instintiva, teríamos posições diversas que levantam hipóteses em vários sentidos: em direção ao amor, à conexão e à vida e no sentido inverso, da desconexão e do retorno. Um movimento duplo, em direções opostas, um ir e vir; outra hipótese aponta para um direcionamento único no sentido da vida; outra ainda fala de um direcionamento único, mas por múltiplas vias específicas.

Uma questão coloca-se aqui em termos da validade da aplicação do estudo da regulação energética a outros aspectos da expressão corporal não restritos àqueles apontados pelos dois referidos autores. A expressão do corpo, como fluxo de comunicação energética. Tratar-se-ia de pensar essa abordagem ampliando o quadro habitual de suas referên

cias. Não apenas a função sexual, mas a expressão corporal em todas as suas dimensões, enquanto envolvendo unitariamente toda a corporeidade, seria fator de equilíbrio orgânico e de auto-regulação energética.

Reich atribui uma superimportância à função orgânica, por considerá-la como que a raiz biológica, comum a todo ser vivo, além de dar a esta função uma conotação especial e abrangente, que envolve todo o indivíduo, somatopsiquicamente. Simplificação ? Embora, pelo seu raciocínio pareça tratar-se de uma radicalização, no sentido etimológico desse termo, importa considerar a complexidade dessa raiz biológica impedindo de reduzi-la a um aspecto único. De qualquer forma, os estudos desse autor sobre a energia biológica, a que chamou de "orgonio", parecem sugerir uma visão totalizante que engloba, na dimensão energética, o homem e o cosmo.

2.2. CORPO E SEXUALIDADE

A sexualidade constitui um tema central na teoria freudiana.

Deve-se a Freud o modelo teórico que focaliza o conflito dos impulsos biológicos com a realidade, bem como as suas consequências no aparelho psíquico. Portanto, o desenvolvimento da mente a partir de exigências corporais.

Neste modelo o corpo tem fundamental destaque como lugar ao mesmo tempo da necessidade e do prazer, como fonte das pulsões e de onde fluem, conforme vimos, a energia ou as energias mentais. Mas as lutas face à realidade são aqui enfocadas em seus aspectos psíquicos.

A personalidade desenvolve-se a partir de experiências que envolvem entre outros aspectos a satisfação ou não de necessidades corporais, sobretudo nas primeiras relações do indivíduo com o mundo, na sua relação familiar.

A introdução do indivíduo na cultura, com as vicissitudes à vida instintiva que essa introdução comporta, ofereceria riscos para a saúde e o desenvolvimento pessoal.

Estes riscos residiriam basicamente em um conflito que foi julgado pelo autor, até certo modo, intransponível, envolvendo as barreiras que colocam ante as necessidades instintivas, impedindo que se expressem, interceptando-as.

Que a não expressão da sexualidade conduz ou pode conduzir à doença e aos distúrbios do desenvolvimento é uma afirmação clara e fundamental nesta teoria, embora sucessi

vas reformulações desta tenham introduzido modificações no modo de conceber as possibilidades e os limites desta expressão.

O conceito de repressão revela o mecanismo - aqui considerado como processos mentais - pelo qual o censurado é expulso ou suprimido do campo da consciência, processo que comporta níveis e limites de tolerância. Além destes, as manifestações clandestinas e emergenciais tomariam proporções maiores, chegando à fronteira da patologia. Rachada dura no sistema de defesa. Sintoma.

A expressão instintiva, tem, pois, segundo esta teoria, importância decisiva para o desenvolvimento da personalidade, sendo fundamental nos primeiros anos da vida infantil. A capacidade de fazer frente aos traumatismos e aos desafios da realidade tem relação com os impulsos infantis, sua expressão adequada ou interceptação pelas pressões ambientais. E estes impulsos são considerados basicamente como sexuais.

"Só os fatos da infância explicam a sensibilidade aos traumatismos futuros (...). Estes potentes desejos da infância hão de ser reconhecidos como sexuais em sua absoluta generalidade". 7.

A expressão da sexualidade aparece, assim, como um imperativo à saúde mental, sem o que o desenvolvimento seria comprometido. Não só a sexualidade teria prejudicada a sua maturação, no desenvolvimento das funções específicas que se lhe atribui, como toda a personalidade teria

obstaculizado o seu crescimento, sua afirmação pessoal face à realidade externa.

É conhecida a relação estabelecida nesta teoria, entre a repressão da sexualidade e a etiologia das neuroses.

O distúrbio neurótico constitui uma patologia do desenvolvimento do ego, o qual teria o seu crescimento obstaculizado, sucumbindo à tarefa de lidar com uma dupla exigência, com objetivos muitas vezes opostos: a do prazer e a da realidade. (Quanto a esta, vimos algumas idéias do autor em outro capítulo deste trabalho).

A neurose teria, assim, entre outros aspectos, um sentido de regressão, um transtorno no processo evolutivo, algo como um não crescimento ou um retorno a estágios anteriores.

"A neurose (o) faz regredir a estágios nos quais a satisfação foi obtida, a libido fixa-se, deste modo, a estágios evolutivos mais remotos e emprega os mesmos meios psíquicos para a obtenção da satisfação". 8.

Neste caso, em face do distúrbio no desenvolvimento da sexualidade, restariam ao indivíduo, como alternativas, ou o desvio para comportamentos sexuais inaceitáveis pela sociedade, ou a fuga para a doença cujos sintomas constituem eles próprios uma forma de expressão substituta dos impulsos reprimidos em sua manifestação direta.

Menos enfatizados parecem ser os aspectos relacio

nados com os traços da personalidade, os quais, sem chegar a constituir sintomas patológicos manifestos, apresentam-se como bloqueios ao processo de crescimento.

A sexualidade, cuja necessidade de expressão se gundo esta teoria, acompanha o indivíduo desde o nascimento e nas diferentes fases de sua evolução, tem importância fundamental no processo de desenvolvimento como um todo.

Esta expressão dar-se-ia, na criança, de acordo com fases determinadas, em cada uma das quais haveria uma concentração básica de energia erótica - libido - em determinada zona corporal (oral, anal, fálica, genital). Sem a adequada expressão da sexualidade em suas manifestações próprias, a criança tenderia a sérios riscos de sua estruturação mental.

As experiências infantis, nas quais sobressai a qui com absoluto destaque, o fator sexual, orientam o de desenvolvimento do ego em termos de expansão ou inibição; vigor ou debilidade; organização e integridade ou desorganização e danificação.

A expressão da sexualidade refletir-se-ia também na esfera intelectual, no seu desenvolvimento ou inibição, comportando consequências para a capacidade criadora.

Os reflexos do chamado recalcamento abrangeriam, assim, conforme já foi referido, não apenas os doentes, as sim caracterizados por serem portadores de determinados sintomas mais específicos. Aham-se igualmente presentes nos indivíduos cujo potencial de crescimento fora comprometido. A estes Freud fez referência em termos que serão depois re

tomados e enfatizados por Reich, embora divergindo do enfoque dos mecanismos envolvidos no processo em questão. Refere-se a homens nos quais parece faltar auto-confiança, originalidade e audácia, pouco empreendedores e fracos, destinados a perder-se na multidão. Como se as experiências repressivas lhes tivesse impedido de forjar a própria identidade ou de dar a esta a devida consistência. A posição reichiana aponta para uma atitude de impotência em face da vida, que o autor associa à impotência sexual e ao que chamou de couraças de caráter.

A história do indivíduo, a configuração dos traços de sua personalidade coincide pois com o acontecer de sua expressão biológica, bem como com as restrições externas e os mecanismos que tem de acionar em face da hostilidade ambiental.

O processo repressivo relega a uma espécie de esquecimento atuante, a um plano aquém da consciência os conteúdos interditos, os objetos de desejo de satisfação instintiva proibidos de fluir pelos canais adequados ou pelas vias que, em circunstâncias de não interdição, constituiriam o natural escoamento.

Entram, pois, na história dos bloqueios à expressão do corpo no que se refere à vida instintiva, os conceitos freudianos de "repressão" e "inconsciente", conceitos que implicam uma perda de liberdade, um certo determinismo nas ações e comportamentos individuais os quais muitas vezes teriam que buscar suas motivações mais profundas, além das vontades de seus autores.

Face às exigências da realidade restritiva e controladora, o indivíduo aciona mecanismos de auto-defesa. Nega-se a satisfação instintiva em troca da aceitação no grupo que, primeiramente, é o grupo familiar; troca a satisfação corporal pelo amor dos pais que o introduzem na cultura. Nesse processo, a evidência é uma sobreposição, um predomínio total das exigências externas, o que leva a acentuar mais e mais as atitudes defensivas, até a negação dos próprios desejos, que são empurrados para uma região subterrânea, de onde passa a atuar e a expressar-se clandestinamente através de atos falhos, lapsos verbais e outras manifestações que vão até os sintomas neuróticos. Aquém desses sintomas mais evidentes, há conforme abordamos, toda uma estrutura de caráter que se define em termos de empobrecimento pessoal, de uma base de enfraquecimento e perda de esponaneidade e autonomia.

Os conteúdos do inconsciente, entretanto, não apenas atuam no sentido acima, mas ainda informam comportamentos, preferências, atitudes, na busca do prazer que rege a vida psíquica. Na realidade opressiva, porém, esta busca do prazer deixa de ser algo positivo, para converter-se em fuga do desprazer. O princípio do prazer transforma-se em princípio de realidade. Passa-se para a posição de defesa e aí se permanece, empobrecido e com restritas possibilidades de crescimento e expansão.

Inibição, enfraquecimento da personalidade, desorganização e danificação do ego aparecem, assim, como resultantes de um conflito de forças em cujo jogo acha-se a vida

instintiva, emocional.

Outro comportamento defensivo conduz à fuga dos relacionamentos, os quais, com as repetidas experiências restritivas e traumáticas, passam a identificar-se com o desprazer. Por sua vez, o isolamento decorrente da fuga conduz igualmente à redução dos estímulos externos enquanto propulsores de enriquecimento pessoal.

Nessa mesma direção defensiva e de empobrecimento caminham as técnicas e mecanismos no sentido de amortecer as respostas instintivo-emocionais face aos diferentes estímulos externos. Não sentir, constituindo um caminho para a fuga da opressão, o que, entretanto, acarretaria simultaneamente a redução das fontes de prazer inscritas no corpo. O bloqueio à expressão, neste procedimento, atinge a sua raiz, visto que a dimensão interna - a emoção - é negada. O indivíduo desvincula-se de sua emoção, do seu desejo, de seu corpo.

2.3. O INCONSCIENTE CORPORAL

O corpo é o grande inconsciente.

Enquanto, para a teoria freudiana, o inconsciente permanece numa instância psíquica e é nesse nível que afeta o desenvolvimento pessoal, em Reich o conceito se alarga, tomando dimensões corporais mais nítidas, envolvendo o indivíduo somato-psiquicamente.

No que se refere à expressão instintiva, esse autor confere ênfase absoluta à genitalidade. Conforme nos referimos em itens anteriores, o bloqueio à expressão da função orgástica constitui, para a sua teoria, o núcleo ou a raiz biológica da doença, acarretando o que chamou de "estase", referindo-se a um estancamento de energia, com consequências para a motilidade e o equilíbrio físico-psíquico.

As interdições à vida sexual armazenar-se-iam nos músculos, pelas contrações que provocam com a intercepção do fluxo energético. Energia represada que se encrustraria no corpo, enrijecendo-o, em vista de tensões que se fazem crônicas.

Importa, segundo o autor, considerar, no processo de auto-proibição da expressão instintiva, o aspecto fisiológico do mecanismo repressivo, o qual consistiria no retesamento muscular e na alteração respiratória.

"O espasmo da musculatura é o lado somático do processo de repressão e a base de sua contínua preservação". 9.

Ao ter inibido seu curso natural, no sentido da expressão, o prazer transforma-se em desprazer, cuja fuga o indivíduo leva a efeito através de diferentes formas defensivas.

Reich introduziu o conceito de "courage" para designar o fenômeno do enrijecimento e perda de flexibilidade que caracterizam personalidades e corpos sob o impacto per

manente dos bloqueios levantados à expressão sexual. Disse ra que "a energia da vida sexual, pode ser contida por tensões musculares crônicas". A couraça a nível do corpo e do caráter teriam funções inibidoras equivalentes.

O conceito de unidade funcional é de fundamental importância em sua teoria. Segundo este, o psíquico e o somático não interagem apenas um com o outro mas formam um todo único, provindo ambos de uma mesma raiz biológica e podendo, portanto, influenciar-se e substituir-se reciprocamente.

"As atitudes musculares e as de caráter têm a mesma função no mecanismo psíquico. Basicamente não podem separar-se". 10.

"Todo impulso psíquico é funcionalmente equivalente a uma excitação somática definida. A idéia de que as funções do mecanismo psíquico funcionam apenas por si mesmas e influenciam o mecanismo somático, que também funciona por si mesmo, não está de acordo com os fatos reais". 11.

O autor exemplifica suas afirmações com experiências clínicas nas quais o desaparecimento de uma tensão a nível muscular fizera aflorar a lembrança correspondente ao início do mecanismo que lhe deu origem. Conclui dessas experiências que as manifestações musculares compõem, com o quadro psíquico, o mesmo fenômeno.

Desta unidade psicobiológica falam-nos outros estudos mais recentes, sobretudo no que se refere à postura,

sendo conhecida a alusão a posturas eufóricas e depressivas e até a possibilidade de induzir, pela atitude corporal, estados de ânimo.

Não só a postura, mas uma reação somática total a companhia os estados emocionais, segundo tais estudos.

Uma experiência feita no sentido de aprofundar o conhecimento das características corporais de determinadas emoções e de como se apresentam essas características com relação aos seus conteúdos subjetivos, consistiu em registrar as alterações viscerais, musculares, respiratórias e faciais próprias das emoções de alegria, tristeza, raiva, medo, amor erótico e ternura.

Os experimentadores caracterizaram as expressões faciais, alterações musculares e viscerais próprios de cada emoção acima, o que chamaram de "modelo expressivo-víscero-postural". Uma vez feita esta caracterização, instruía-se pessoas sob hipnose a adotar determinada atitude muscular respiratória, visto ser esta a que mais distinguia uma emoção de outra. Interrogada em seguida sobre o que havia sentido, era indicada uma das emoções mencionadas, de acordo com seu padrão específico.

Outra experiência semelhante mostrou que indivíduos sob hipnose, instruídos a adotar uma postura corporal caracterizada como triunfante - cabeça erguida, corpo ereto - informavam a impossibilidade de sentir as emoções contrárias àquela atitude corporal, como tristeza, pena. A sugestão no sentido de vivenciar tais emoções só podia ser atendida quando se modificasse, igualmente, a atitude corporal. 12.

Este e outros trabalhos ilustram a unidade que fora apontada anteriormente, embora sem fazer referência aos mecanismos repressivos.

A rigidez muscular a que se referia Reich, assim como os sintomas a nível do psiquismo, contém em si mesma a história de sua origem. Assim, segundo afirmava, a emoção que estava na origem daquela rigidez podia ser reproduzida não só pela memorização, como pela via da corporalidade.

O inconsciente, em sua expressão, passaria a ser concreto e tangível. O inconsciente-corpo.

Visto que os problemas relacionados com esses processos não se restringem à esfera psíquica, o autor aponta para os reflexos orgânicos dos sistemas repressivos ao referir-se ao que chamou de "simpaticotonia crônica" a qual caracterizaria as atitudes permanentes de defesa, particularmente a impotência orgástica.

Por simpaticotonia entendia uma superestimulação do sistema nervoso simpático, relacionada com uma "contração angustiosa", acompanhada de alteração respiratória e problemas musculares.

Tal estado conduziria, segundo o autor, a uma tendência para certas enfermidades orgânicas, entre as quais são relacionadas as doenças vasculares e hipertensivas de correntes do estado de contração crônica dos vasos sanguíneos; os problemas pulmonares consequentes a um modelo respiratório característico do auto-bloqueio, bem como o aumento de dióxido de carbono na corrente sanguínea derivado dessa mesma alteração respiratória.

Conclui-se destas concepções que o corpo constitui, além do espaço da necessidade e do prazer, o lugar onde se inscrevem e/ou se instalam, através de mecanismos somáticos de repressão, os "conteúdos" reprimidos de experiências vividas pelo indivíduo.

2.4. A EXPRESSÃO DA AGRESSIVIDADE

Expressar um instinto de morte ?

A exteriorização do instinto agressivo fora considerada pela teoria freudiana "essencial para a preservação do indivíduo". 13.

Entretanto, se considerarmos que a expressão é reforçadora do que é expresso, deveríamos concluir que, ou a expressão do corpo deveria ser bloqueada em se tratando da agressividade, ou discordaríamos da existência de "uma disposição instintiva original e auto-subsistente" para a destruição. 14.

Em que consistiria, com efeito, aquela essencialidade de exteriorização acima referida e quais seriam os resultados do bloqueio ou interiorização desse instinto ?

As restrições à agressividade são relacionadas, de modo particular, por Freud, ao sentimento de culpa, não obstante a literatura psicanalítica da época (1929-1930) vincular este sentimento às restrições instintivas, de um

modo geral.

"Estou convencido que muitos processos admitirão exposição mais simples e mais claras se as descobertas da psicanálise sobre a derivação do sentimento de culpa forem restringidas aos instintos agressivos". 15.

O processo de gestação desse sentimento refere-se à relação do indivíduo com a civilização, a qual, nesse estágio da teoria freudiana, aparece como a obra de Eros na busca da união entre os povos, sendo o impulso de destruição o grande impecilho para esta empresa civilizatória. Em consequência, teria que ser inevitavelmente interceptado. O indivíduo deve ser contido em seu "impulso primário" de destruição. Deve reprimí-lo, levando a agressão a inverter o seu caminho: dirige-se para dentro do indivíduo, interioriza-se no ego e inicia aí sua ação auto-destrutiva.

A agressividade contra a autoridade não pode ser expressa, apesar dessa autoridade representar uma realidade restritiva das necessidades individuais. Manifesta-se, assim, um bloqueio de dois lados: a ameaça da punição externa e o sentimento interno de medo da perda do amor da autoridade.

Inicialmente transitório, esse sentimento de culpa passa a ser permanente em um momento posterior, quando o indivíduo (aqui, a criança), identificado com a autoridade, transfere-a para seu próprio ego, como um superego, gerando assim, uma tensão interna. O indivíduo apresenta-se

dividido contra si mesmo. A referida tensão, acrescentar-seia, segundo Freud, um reforço filogenético, no mito da morte do Pai primitivo.

Não expressar a agressão significaria, pois, interiorizá-la. Reforçar a repressão auto-destrutiva, não mais pelo medo da autoridade externa, mas de si mesmo, da autoridade interna. Com isto, o autor explica as atitudes masoquistas, as quais, ao lado do sadismo, constituiriam manifestações desse instinto, mescladas de erotismo.

Repressão, culpa, auto-destruição, morte ... Permanecendo este processo, o raciocínio nos leva a desembocar em uma progressiva anulação e perda de auto-estima. E a saúde de forçosamente teria que colocar-se do outro lado, o da destruição. Qual seria, pois, a opção entre destruir e autodestruir-se, agredir e auto-agredir-se, a partir dessa concepção ?

Ou haveria outro modo de considerar a agressividade ? O próprio autor a vê como aliada de Eros, muitas vezes, nas funções biológicas, perseguindo, pois, objetivos de vida, o que, por si só evidencia uma contradição interna, uma destrutividade construtiva. Encontro de opostos que nos leva a concluir que a teoria parece refutar-se a si mesma, neste particular.

Quanto à exteriorização, recorre-se à peculiaridade de que se crê inerente aos instintos de mudar de objetivo, "inibir sua finalidade". A agressão, assim inibida, poderia voltar-se para a destruição dos objetos no sentido de utilizá-los em seu próprio proveito. E aqui aparece o trabalho

de transformação da natureza, como manifestação desviada de seu objetivo primário. Observe-se que o objetivo primário seria aqui a destruição, enquanto que, nas funções biológicas, quando aliado de Eros, a finalidade primária é a vida, o objetivo erótico.

Porque então, não considerar a agressividade, aquela que se exterioriza tanto no trabalho de transformação dos objetos como nas funções biológicas, como a manifestação primária de uma força vital, em si mesmo construtiva ?

Sob este ângulo, a expressão da agressividade não se apresentaria como reforço de uma tendência destrutiva, mas sim, de vitalidade e auto-afirmação.

Parece sintonizar-se com este o pensamento reichiano, o qual distingue entre agressão e destruição, aquela como "expressão de vida da musculatura em movimento" 16, esta como manifestação reativa diante da frustração ou da ameaça. A agressão segundo este autor não constituiria um impulso específico, mas um componente essencial dos impulsos biológicos, os quais seriam essencialmente agressivos.

A tendência reichiana entretanto é referenciar sempre à vida sexual. As chamadas manifestações do instinto de morte seriam assim, "angústia do orgasmo". É desse modo que interpreta o masoquismo, não como prazer de sofrer, e sim, como "perda da capacidade orgástica" 17, e o caracteriza como perversão, assim como seu oposto, o sadismo. Neste haveria um processo reativo à negação do prazer, levando

do o indivíduo a buscá-lo "a qualquer preço", encontrando, ao atingí-lo, um prazer secundário.

Assim, o ódio é interpretado como o substituto do amor negado, amor que é visto aqui como sexual. As energias sexuais tornar-se-iam destrutivas quando frustradas na sua expressão, sendo a descarga energética o antídoto para os impulsos anti-sociais.

Parece-nos que a questão da expressão agressiva constitui um aspecto pouco explorado, possivelmente por haver sido identificada com destruição e por isso temida. Por outro lado, havendo uma tendência para o retorno à vida inorgânica inerente à organização instintiva e caracteriza da esta tendência como destrutiva, estaria justificada a sua contenção.

No entanto, a consideração de problemas tais como submissão, passividade e outros, parece colocar-nos diante de uma perda dessa agressividade.

A submissão, à qual referia-se Reich como o produto da repressão sexual, não o seria do próprio impulso agressivo ?

O valor tradicionalmente atribuído à docilidade, na educação, assim como à obediência automática constitui um atentado ao desenvolvimento dessa agressividade, cuja expressão reforçadora requer um determinado tipo de relações sociais.

Seja considerada um instinto ou uma característica dos instintos, a vida no-la mostra não necessariamente ligada à fome e ao sexo, mas a todas as ações humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ RYCROFT, C. As Idéias de Reich. São Paulo. Cultrix. 1971.
p. 22.
- ² FREUD, S. Esboço da Psicanálise. In Os Pensadores. Rio de Janeiro, Abril Cultural. 1978. p.212.
- ³ Ibidem, p. 201.
- ⁴ Ibidem, p. 202.
- ⁵ REICH, W. A Função do Orgasmo. São Paulo. Brasiliense. 1977.
- ⁶ Ibidem.
- ⁷ FREUD, S. As Cinco Lições de Psicanálise. In Os Pensadores. Rio de Janeiro, Abril Cultural. 1978. p. 26.
- ⁸ Ibidem.
- ⁹ REICH, W. Op. cit.
- ¹⁰ Ibidem.
- ¹¹ Ibidem.
- ¹² BLOCH, S. y SANTIBÁÑEZ, H. Entrenamiento de la Efección Emocional y Significado de su Retroalimentación en Humanos. In. de Chile. In: Cadernos de Biodança. Circ. Int . s.d.

13 FREUD, S. Op. cit.

14 _____. O Mal-Estar na Civilização. In: Coleção os Pensadores. Rio de Janeiro. Abril Cultural. 1978. p. 175.

15 Ibidem.

16 REICH, W. Op. cit., p. 139.

17 Ibidem, p. 219.

CAPÍTULO III

OUTROS ASPECTOS DA EXPRESSÃO CORPORAL

Abordamos anteriormente a expressão do corpo segundo as perspectivas freudiana e reichiana, as quais salientam basicamente os aspectos referentes à sexualidade e agressividade.

A concepção do corpo na perspectiva deste trabalho abrange outras dimensões da corporeidade, considerando a expressão desta como expressão pessoal, enquanto seus movimentos nasçam das vivências do corpo.

No presente capítulo focalizamos outros aspectos da expressão, com ênfase nas vivências corporais enquanto fatores de desenvolvimento.

3.1. A VIVÊNCIA DO CORPO

Tem sido salientada a existência de mecanismos que conduzem o indivíduo à negação da própria experiência corporal.

Influências sociais e educacionais levaria à autoimposição de não sentir. Este processo defensivo envolvendo a negação do corpo, teria consequências a nível psicológico e fisiológico. A influência nesses dois níveis já fo

ra abordada ao referirmo-nos à teoria reichiana.

Aqui são explicitados alguns aspectos neuro-fisiológicos que interferem na dinâmica vivência-expressão.

A neuro-fisiologia chama a atenção para a importância das funções de uma parte do sistema nervoso central, o hipotálamo ou sistema límbico-hipotalâmico, na conduta instintiva e emocional.

"O hipotálamo, que regula as diversas funções da hipófise e através dessa glândula o resto dos sistemas endócrinos, é considerado um dos centros reguladores das emoções de raiva, medo, desejo sexual, fome, cuidado da prole, etc... Investigações realizadas em animais sugerem que a estimulação de áreas do hipotálamo e de certos núcleos do mesencéfalo, provocam sensações de prazer. Por sua parte, Hess e outros haviam descoberto também ali os centros de controle dos processos digestivos, sexuais e excretórios. São, portanto, o sistema límbico e o hipotálamo as formações neurológicas correspondentes ao mundo da afetividade, das vivências e do instinto 1".

À outra parte do sistema nervoso central, o cor
tex cerebral, correspondem, segundo a neurofisiologia, as funções do pensamento e reflexão. Esta região cortical ini
be e controla a região do hipotálamo.

Tendo em vista que nossa cultura é negadora do corpo e da supremacia às funções do cortex, pelo superestímulo das atividades cognitivo-intelectuais, tal supremacia refletir-se-ia negativamente no equilíbrio orgânico, e psi

cológico sendo por isso exigida a reativação de vivências corporais, as quais "teriam ressonância no hipotálamo" contribuindo para o equilíbrio interno e a homeostase.

Conforme a perspectiva teórica do criador de um sistema atual de reeducação do corpo, Rolando Toro, a organização impulsional compreenderia impulsos básicos e diferenciados, com canais específicos de expressão. Isto comportaria, de certo modo, uma contestação do conceito freudiano de sublimação, segundo o qual a energia de um instinto seria utilizável para fins não específicos, como no caso da sexualidade, que seria transformável, na sua expressão, em fins não sexuais ... Neste sentido, a não sexualidade seria apenas aparente visto que os atos de ternura, o trabalho criativo e outros seriam, no fundo, atos sexuais que teriam inibido a sua finalidade.

Segundo esta outra hipótese, tratar-se-ia, não de inibição de finalidade, mas de diversidade e especificidade das mesmas fontes desses atos ou do desejo que lhes corresponde.

Esta perspectiva coloca, ao lado do impulso sexual, o exploratório, o de conservação, o comunitário, o de fusão/identificação aos quais corresponderiam as "linhas básicas de vivências" de sexualidade, criatividade, vitalidade, afetividade e transcendência.

Esta última parece relacionar-se com a dimensão cósmica evocada por Reich ao referir-se à bioenergia. Com efeito, o transcendente nesta concepção não implicaria necessariamente o religioso e inclui, entre as experiências

desta linha, a fusão erótica no orgasmo. Trata-se de invocar um sentido de pertinência e de identificação com a totalidade do universo.

As vivências e as emoções que lhes correspondem, enquanto expressões biológicas não interceptadas na sua manifestação constituem-se motores de desenvolvimento e fatores de equilíbrio e auto-regulação.

A regulação, que na perspectiva reichiana é atribuída à função sexual, sob o enfoque energético, aqui se amplia e se relaciona com impulsos multidirecionais, ou melhor, com as vivências correspondentes, apontando para aspectos neurofisiológicos.

Segundo este enfoque, o equilíbrio interno e a harmonia se gerariam não na atividade cognitiva, mas na afetividade, que é colocada como elemento sintetizador. O desenvolvimento processar-se-ia mediante o reforço aos aspectos da vivência corporal que se acham bloqueados ou inibidos. Esse desenvolvimento supõe a superação de comportamentos dissociativos e promove a integração, pensamento-ação, afeto-movimento, que, no processo de "educação" vão sendo desvinculados.

Outros autores chamam a atenção para a importância decisiva da vivência corporal sobretudo para a criança em seus primeiros meses de vida, em termos de desenvolvivimento neurológico, para o sentir-se protegida pelos cuidados maternos.

Neste sentido já foi demonstrada a necessidade absoluta de contato físico para o desenvolvimento infan

til, cuja privação durante períodos prolongados leva ao enfraquecimento progressivo e à morte.

Outros estudos realizados com animais demonstraram a presença de alterações cerebrais atribuídas a esta mesma carência de contato.

Pesquisas concluem que o desenvolvimento não pode prescindir da estimulação emocional e sensorial, cuja privação levaria a alterações degenerativas das células nervosas 2.

Da citada região límbica dependeriam também as disposições eufóricas ou depressivas.

Estudos recentes neste sentido, alguns dos quais publicados pela imprensa afirmam a influência do comportamento emocional sobre os níveis hormonais, as reações imunológicas e as funções do sistema nervoso, influenciando portando, na susceptibilidade a inúmeras doenças 3.

"Estudos realizados com animais e seres humanos nos revelaram que, dependendo das circunstâncias, as reações emocionais podem servir para estimular os glóbulos brancos, que combatem enfermidades e desencadear a liberação de hormônios das glândulas suprarrenais e neurotransmissores, inclusive endorfinas, que, por sua vez, afetam de zenas de processos orgânicos".

Continua o artigo noticiando as observações de um diretor de pesquisas em psicoimunologia com relação a alunos de colegial o qual "descobriu que os que apresentavam altos níveis de sintomas psicológicos em reação a eventos

stressantes possuíam apenas um terço da atividade das células assassinas naturais em comparação aos estudantes com pouca reação psicológica ao mesmo número de eventos".

As conclusões dos mencionados pesquisadores sugere que são as respostas pessoais aos acontecimentos, mais do que estes por si mesmos que afetam a saúde e comprometem o sistema imunológico. Vale lembrar a relação que faz a teoria freudiana da força e vulnerabilidade face às situações traumáticas e à expressão adequada da sexualidade infantil. Por outro lado, a conclusão acima poderia encaminhar-se para desviar o enfoque das situações objetivas, sugerindo mudança apenas nas reações pessoais e não nas circunstâncias que as provocam.

De qualquer forma os estudos citados vêm reforçar a tese em sentido inverso, ou seja, os estados emocionais, em seu aspecto positivo, envolvendo experiências de prazer, estimulam as funções reguladoras, o sistema imunológico e a saúde, em seu sentido global. Evidentemente, enquanto não intervenham bloqueios à expressão.

De certo modo, o estudo aponta para a função antistress das reações ou das vivências positivas.

Os estados emocionais relacionam-se, positiva ou negativamente, com os mecanismos orgânicos de defesa contra doença, interferindo também nas diferentes respostas orgânicas, às invasões por agentes infecciosos.

Fatores ambientais, pois e, mais especificamente, reações a esses fatores relacionam-se com os níveis de saúde, a ação do sistema imunológico e o desenvolvimento.

Além de considerar os estados emocionais relacionados com os mecanismos saúde/doença, faz-se referência quanto à relação daqueles com o potencial genético.

R. Toro sugere a possibilidade de deflagrar, através de exercícios corporais carregados de afetividade, substâncias que atuariam no sentido de ativar a expressão genética. Permitir-se-ia, assim, que aquelas características pessoais inibidas por fatores do ambiente bloqueador, pudessem atingir seu desenvolvimento, manifestar-se. Parte do pressuposto que indica a existência de gens tardios, passíveis de manifestar-se depois do período da infância.

Aponta-se que o desenvolvimento genético é devido, não apenas aos próprios gens, mas a fatores externos e internos os quais se constituem em "cofatores" desse desenvolvimento. Entre os fatores externos é conhecida a necessidade absoluta de determinados elementos nutritivos, sobretudo os protéicos, para o desenvolvimento físico e intelectual da criança, bem como as consequências da carência dos mesmos para o crescimento físico e desenvolvimento intelectual. Mas, além destes, existiriam outros fatores que se produzem internamente tais como hormônios e outras substâncias chamadas neurotransmissores.

Visto que, o comportamento emocional ligado à experiência de prazer (não interceptado em sua expressão) deflagra tais substâncias, aponta-se para a necessidade de produzi-las em situações intencionalmente articuladas para fins terapêuticos ou reeducativos, criados para reparar, de algum modo, a ação da sociedade inibidora.

O autor desta proposta, utiliza para os objetivos propostos, música e exercícios corporais de comunicação em grupo.

Com efeito, um instrumento de ativação e expres são emocional há milênios conhecido e utilizado por muitos povos é constituído, precisamente, por uma prática corpo ral e rítmica, desenvolvida em grupo: a dança.

3.2. DANÇA: VIVÊNCIA E EXPRESSÃO

Já se fez referência à dança como uma expressão i nata de estados emocionais, como o grito e o canto. Trata-se, evidentemente, de uma dança cujos movimentos não são ditados de fora, mas que nasçam do próprio sujeito que dança, da sua expressividade.

Desde milênios, a sabedoria popular descobriu o poder dessa expressão, bem como sua força de comunicação.

Possivelmente pelo seu caráter de auto-expressão através dos movimentos do corpo e pela experiência de inte gração e harmonia pessoal que a acompanha, a dança foi con siderada pelos povos antigos como portadora de poderes mágicos e é conhecida a sua utilização em rituais religiosos até os nossos dias.

Por outro lado, é possível que a essa experiência se somasse a de um reforço da identidade pessoal/corporal através do dizer-se, pelo movimento rítmico do corpo.

Com efeito, nesta prática podemos ver presentes várias dimensões que já foram consideradas inerentes à pessoa humana, tais como a dimensão comunitária, afetiva, sexual, criativa e transcendente.

No que se refere à dimensão comunitária, a dança constituiu, para comunidades ditas "primitivas", o instrumento e sinal de pertinência a essa comunidade, aparecendo sempre como uma expressão pessoal/grupal ou pessoal/comunitária. Seja nas cerimônias religiosas, seja nas celebrações do trabalho, ela acontece em comum, é manifestação solidária. O sentido da dança para o africano, por exemplo, é a celebração da tribo, da pertinência a ela. Assim, com relação aos escravos africanos trazidos para o Brasil na época colonial, uma dissertação de mestrado recentemente apresentada na Universidade de Brasília chama a atenção para o sentido de identidade cultural da dança e de outras manifestações corporais do negro, como memória e comunicação, substituindo a linguagem verbal. A afirmação dos escravos como grupo, capaz de organização e de luta, apesar da dispersão e coisificação a que foram submetidos pelo regime, ter-se-ia dado pela comunicação corporal, realizada em alguns espaços lúdicos, na dança e na capoeira, onde o corpo dava seu recado. Assim, a resistência representada pelas fugas e pelos quilombos era articulada basicamente sem a mediação dos códigos verbais, visto que lhes havia sido imposta a linguagem do silêncio. 4.

Essa prática, pois, abarca, na linguagem não verbal, o dizer do próprio corpo, da própria emoção, vivência,

sentimento, de um lado; e de outro, do corpo comunitário, corpo ampliado. A um tempo, e no mesmo ato, integra-se a manifestação da individualidade e da outreidade, as quais, se conjugam para se dar sentido reciprocamente. Com efeito, o individualismo em sociedades ditas primitivas, onde as relações são mais diretas e menos mediatizadas pelas instituições, parece difícil de ser encontrado e é compreensível a impossibilidade de ser mantido.

A presença da dimensão transcendente evidencia-se, também juntamente com a comunitária, e aponta para o sentido de fusão com o todo, representado pela natureza, envolvida pelo místico, pela alusão à divindade, a algo que ultrapassa os limites do eu pessoal e das coisas que o circundam.

No culto dionisíaco, da Grécia antiga, aparece como instrumento de superexcitação e manifestação emocional, a qual segundo criam seus participantes, levava ao contato com os deuses e ao êxtase.

Segundo Rhodes, a dança está sempre presente em todos os povos antigos, desejosos de um estado de fusão com a divindade. Este culto, a que o citado autor alude para demonstrar a fé na alma imortal, desenvolve-se sob frenéticas manifestações corporais. É uma "loucura sagrada" a que chegam por fortes manifestações orgiásticas, induzidos por um clima especial, cujos ingredientes básicos eram a dança, a música e a penumbra da noite. Essa superexcitação de emoções que tivera sua origem fora da Grécia, embora destoando do habitual controle e serenidade que caracterizava,

em geral, os cultos entre os gregos, encontrara profunda ressonância entre estes.

"Em meio àqueles gritos exóticos deverão perceber, apesar de tudo, em tom atraente que, por estranhas que fossem suas modulações, possuía a força necessária para falar à sensibilidade geral dos homens". 5.

É significativo notar que essa busca de um estado beatífico ou divino, da manifestação da alma tida como algo, por assim dizer, separável, era feita exatamente por uma espécie de convulsão do corpo, por uma dança violenta e furiosa, cuja finalidade passa pelo desencadeamento das emoções, expressas em gritos e movimentos. Como se aquela alma residisse no mais profundo do corpo, no reino do instinto e sua liberação coincidissem precisamente com a liberação deste, e a chamada "prisão da alma" com a prisão das emoções não expressas, com a do próprio corpo que experimentaria o prazer beatífico de manifestar-se até a exaustão.

Esses fenômenos e o misticismo no qual é envolvida a dança não se dá apenas entre esses povos. Os derviches do Oriente utilizam a dança e os movimentos giratórios para atingir o transe em suas cerimônias religiosas. Há, pois, entre muitos povos, a intuição de uma força misteriosa que é associada à dança. "Quem conhece a força da dança vive em Deus pois sabe como o amor mata". 6.

Dança, movimento, amor, são assim, colocados em mútua relação.

No antigo Egito dançava-se a dança dos astros, e essa dança simbólica, segundo nos fala Garaudy marcou o nascimento da astronomia, uma vez que, através dela, os egípcios ensinavam a seus filhos, há seis mil anos atrás, as leis que regiam a sucessão dos dias e das noites, das quatro estações, leis que permitiam, ao mesmo tempo, prever as enchentes do rio Nilo e precaver-se de seus efeitos destrutivos. 7.

Assim a sintonia com a natureza, o sentido de formar um corpo orgânico com ela e ao mesmo tempo o referí-la e referir-se à divindade, era dita corporalmente na dança, com a riqueza e completude que, certamente, a linguagem verbal não poderia comportar.

O cotidiano pensado é celebrado aqui, mas, sobretudo, o cotidiano sentido, experienciado, vivenciado corporalmente. Aqui o corpo fala da sua dimensão cósmica e fala através da dança.

O sentido criativo é outro aspecto que se evidencia nesta prática pelo fato de que seus sinais de expressão e comunicação não são aprendidos e codificados de uma vez por todas, mas são criados e recriados nas situações. Neste sentido, acreditamos, ainda que se estabeleça uma certa uniformidade e ritualização esta é reinterpretada, ou melhor, revivida e reexpressa no particular pessoal em sintonia com o comunitário. Mesmo nas danças espontâneas de tribos e pequenas comunidades, bem como nas que compõem rituais religiosos, parece estar presente a dimensão criativa, no caráter pessoal dos movimentos, ao transformar em arte seus

próprios corpos. Nas danças de povos antigos, igualmente, ao compor nos movimentos voluntários, a síntese dos ritmos cósmicos e corporais, evidencia-se o trabalho ou a manifestação criativa.

Do mesmo modo, a expressão da sexualidade e afetividade é possibilitada, uma vez que o contato integre o conjunto de movimentos que utiliza.

Assim, admitindo-se a dança como expressão do corpo em suas múltiplas dimensões, haveríamos de pensá-la como instrumento de integração em diferentes níveis. E talvez um dos meios de reeducação para os corpos esfacelados por processos restritivos e coisificantes.

Para os antigos, conforme vimos, a sua força tinha o poder de curar doenças e desenvolver funções fisiológicas: R. Toro faz referência, entre outras, às danças egípcias cujo objetivo consistia em desenvolver a fertilidade em mulheres estéreis, e datam do ano de 1.500 AC; as "galactógenas", de tribos africanas, para facilitar às mães a produção do leite; danças do ventre do Médio Oriente para tonificar os músculos e favorecer as funções ligadas à maternidade.

Danças contemporâneas são hoje novamente usadas com fins terapêuticos. É o autor de uma dessas formas de terapia - a Biodança - que afirma crer na existência de uma "dança orgânica, que responda aos padrões de movimento que originam vida". 8.

Desde a intuição de povos antigos e "primitivos", pois, até as descobertas científicas contemporâneas, atri

bui-se uma função curativa a esse tipo de expressão que constitui determinados tipos de dança.

Que são seus movimentos senão aqueles que expressam o corpo, enquanto afetos, emoção, sentimentos ? E essa organicidade senão uma espécie de correspondência aos ritmos impressos no próprio corpo e que se expressam no movimento ?

3.3. O CORPO E A PESSOA

Outra perspectiva no que se refere ao corpo e que julgamos válido acrescentar, tendo em vista a sua contribuição para a postura do educador, poderia ser apontada na proposta que tem a pessoa como referência.

No processo de eclosão ou de desenvolvimento da pessoa sob este enfoque, a expressão de sentimentos aparece como parte integrante e indispensável. Tal expressão não faz referência explicitamente ao verbal ou ao corporal, embora enfatize as atitudes espontâneas de contato corporal fazendo parte do processo evolutivo de pessoas em relacionamento.

Nesta perspectiva, a consideração do passado e de sua história restritiva é minimizada enquanto determinante da atuação e das possibilidades do sujeito. O enfoque é desviado da experiência do passado, para uma realidade presente fortemente impulsionada na direção do crescimento.

A ênfase é colocada aqui em um potencial de vida como que em permanente disponibilidade. A "pessoa", não de terminada pelo passado, seria de certo modo, livre para crescer. Os entraves a este crescimento focalizado por outras teorias, aqui se relativizam face a condições do presente e a força do direcionamento para a vida na sua forma mais plena. Esta é a perspectiva de Rogers.

Que sentido teria, nesta proposta, a expressão do corpo ?

Que papel teria o corpo no acontecer dessa "pessoa" ?

O que percebemos, como um aspecto fundamental na leitura desta proposta, é que a mesma impregna-se de uma crença básica no corpo. Fala-se de uma espécie de orientação "organísmica" da vida, no sentido do auto-crescimento, orientação esta que superaria os conflitos e traumatismos do passado, ou que teria a capacidade básica de sobrepor-se aos mesmos.

Por "organismos", certamente, não se quer designar um conjunto de órgãos com sistemas e subsistemas. Parece pois evidente tratar-se do corpo enquanto a própria realidade humana indissociada. Em sua descrição dos objetivos ou do ideal de desenvolvimento pessoal, o autor citado relaciona, entre outros aspectos, a abertura à experiência "organísmica", algo como sentir o corpo.

O pressuposto que enfatiza a força quase absoluta no potencial evolutivo, faz com que, no relacionamento verbalizado, não sejam destacadas as transferências, defesas

e outros mecanismos que marcam, conforme vimos em outras propostas, os indivíduos e suas relações.

A expressão do "organismo" é básica no processo de surgimento do indivíduo inteiro, expressão que é mediatizada ou não pela linguagem verbal.

Esta abordagem, pelo menos a partir de nossa leitura, não oferece categorias funcionais específicas para análise, como tal ou qual impulso determinado, cuja manifestação constitua-se em fator de saúde, num sentido preponderante como, por exemplo, a genitalidade na teoria reichiana. Alude a necessidades fundamentais entre as quais inclui sexo, afeto, reconhecimento e outras.

Não obstante a tendência "organísmica" básica tenha um sentido único, para a frente, na direção da vida, o desenvolvimento supõe uma condição, a qual, entretanto, comporta, menos uma intervenção, que uma não intervenção. Esta condição equivaleria, de certo modo ao solo, para o vegetal em crescimento, ou ao seio materno para o embrião.

Haveria necessidade de um "fluido amniótico ambiental", algo como deixar crescer ou "falicitar".

Os elementos que se poderia levantar dessa formulação teórica configuram-se: na pessoa como entidade não determinada pelo passado e, portanto impulsionada necessária e organicamente para a vida e o desenvolvimento; no relacionamento, onde a expressão pessoal de sentimento, emoção, afeto, é favorecida pelo ambiente enquanto propiciador do "fluido amniótico"; no desenvolvimento, como plenificação pessoal.

É nesse contexto que a expressão do corpo parece a apresentar-se como fator de importância no surgimento desse indivíduo pleno, o que requer a substituição de valores so ciais ou externos tais como os conceitos, regras e normas intelectualizadas, por valores biológicos, corporais.

Poderão esses valores e aquele "fluido" dissolver a defesa neurótica, a musculatura rígida, e a culpa, gera dos na sociedade negadora do corpo ?

A experiência do autor responde que sim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ TORO, R. Cadernos de Biodança. Org. por A.Thais. Circ. int. Rio de Janeiro, 1983.
- ² BERNE, E. Os Jogos da Vida. Rio de Janeiro, Artenova. 1977, p. 19.
- ³ BRODY, Jane E. As Emoções controlam a Saúde ... Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 5 de junho de 1983, p. 4.
- ⁴ CASTELO BRANCO, L. Dança de Guerra. Dissert. de Mestrado defendida na UnB, 1984.
- ⁵ RHODES, E. Psique, la Idea del Alma y la Inmortalidad entre los Griegos. México-Buenos Aires. Fondo de Cultura Económica. 1948, p. 152.
- ⁶ Ibidem, p. 153.
- ⁷ GARAUDY, R. Dançar a Vida. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1973.
- ⁸ TORO, R. Op. cit.

CAPÍTULO IV

CORPO E EDUCAÇÃO

As implicações para a Educação dos postulados teóricos aqui aludidos evidenciam-se por si mesmas. Com efeito, o mesmo processo restritivo denunciado por vários autores e apresentados no decorrer deste trabalho, coincide com o que, habitualmente, se tem chamado de educação.

A ação repressora da "civilização" muitas vezes apontada identifica-se, de certo modo, com a transformação dos indivíduos no sentido desejado pela sociedade e esta função transformadora é obra da educação enquanto processo presente nas diferentes instituições e nas diferentes situações.

O referido processo é educativo enquanto transmite valores, modelos e normas de comportamento. Deste modo, conforme o tipo de sociedade, dos valores e práticas nas quais se assenta, o "educativo" encontra-se com o opressivo fundindo-se ambos e constituindo uma só realidade.

Tais valores legitimam não apenas as restrições inerentes a toda organização social mas carregam também aquele sentido "mais repressivo" característico das formas de dominação.

Importa notar que do processo informal ao processo formal de educação dificilmente ocorrerá uma total desconti

nuidade.

Percebe-se, desde o lar até a escola, uma educação relacionada com a contenção, o bom comportamento, os movimentos e gestos "adequados", sendo o bom muitas vezes representado pelo passivo-submisso e o adequado pelo estereotipado.

Com relação à escola, já se chamou a atenção sobre a organização das salas de aula, a qual designa, de antemão, a distribuição espacial dos corpos: enfileirados, silenciados e inativos. Tal organização constitui por si só uma fala institucional, entre outras, sobre o caráter domesticador da prática que aí acontece e o tipo de relações objetivado.

Partindo destas constatações a questão que se coloca é até que ponto a habitual prática educativa contribui para o crescimento das pessoas envolvidas ou, ao contrário, o obstaculiza.

Poder-se-ia argumentar que as restrições impostas justificar-se-iam pela intenção de canalizar energias no sentido do desenvolvimento intelectual, das aquisições cognitivas. Entretanto dois aspectos daí ressaltam: por um lado, o próprio objetivo, que elege e privilegia o intelecto; por outro, o processo que, no ato de privilegiar, dicotomiza, ignorando o corpo, ou melhor, o próprio sujeito como unidade indissociável e o seu desenvolvimento como um processo global.

4.1. DESENVOLVIMENTO OU DISSOCIAÇÃO ?

Uma educação que não leve em conta o corpo como o lugar onde se inscrevem o desejo e o interesse dos participantes e onde os mesmos se expressam, torna-se alienante, no sentido de desvincular o sujeito de sua própria experiência de vida, na qual se geram esses interesses. Deste modo, não se trata apenas de restrição enquanto contém os corpos e os mantém inativos, mas também de dissociação.

Se, por um lado, essa prática parece apoiar-se na concepção de um sujeito dividido em partes estanques, por outro, reforça e reproduz esta divisão.

Neste sentido, os fins, os meios e as formas do trabalho educativo são, muitas vezes, impostos ao educando, tal como ocorre no mundo do trabalho produtivo, no qual, conforme já fora denunciado, os fins, os meios e as técnicas do trabalho são impostas ao trabalhador. Em ambas as realidades, o sujeito é coisificado visto que é ignorado enquanto escolhas, enquanto decisões. O desenvolvimento do aluno é às vezes confundido com uma espécie de rendimento, medido este como a capacidade de receber um maior volume de conteúdo.

Enquanto no mundo do trabalho produtivo acontece como que uma cisão do sujeito de modo a permitir a utilização de um corpo-máquina, na escola a mesma divisão se faz de modo a utilizar um intelecto recipiente. Não obstante os resultados perseguidos sejam de natureza diversa, pelo

menos no que se refere aos mais específicos e imediatos, ambos, aluno e trabalhador, compartilham, nas suas respectivas situações, de semelhantes relações de poder. Estas relações são hierarquizadas e autoritárias, supondo e reproduzindo uma sobreposição entre as pessoas envolvidas.

Do mesmo modo que o trabalhador, o aluno, neste tipo de processo, alheia-se de seu próprio trabalho, embora sob diferentes formas e em diferentes contextos.

As aprendizagens não corporais, ou seja, os sistemas de informação que não comportam o envolvimento do sujeito como um todo - gostos, interesse, participação, trabalho - podem ser responsáveis pelas incoerências dos comportamentos.

Muitos discursos sobre a educação têm aludido à ineficácia dos habituais procedimentos, ainda que algumas vezes restrinjam-se a problemas como a reprovação e a evasão. Outros ainda apontam para não incorporação dos conteúdos às práticas de quem os recebe, a não disponibilidade dos mesmos para a vida. Entretanto, apesar da obviedade dessas afirmações, persiste muitas vezes um tipo de educação que ignora aspectos como a participação corporal e os interesses reais das pessoas, parecendo supor um educando fragmentado.

Deveríamos explicar tais fatos talvez pelo tipo de sociedade em que vivemos e à qual pertence a instituição educacional? Neste caso, uma sociedade fragmentada refletir-se-ia inevitavelmente na instituição educacional e nos indivíduos que dela participam. Não é suficiente porém

a referência à sociedade como categoria abstrata. Importa identificá-la, neste particular enquanto concreta, enquanto corpos. Até que ponto as pessoas que, em diferentes níveis, participam da educação, concretizam em si mesmas, em seus corpos, esta realidade social? Visto que os educadores resultam, eles próprios, de uma educação restritiva e alienante, tal fato dificulta-lhes certamente a coerência face à compreensão da necessidade de novos procedimentos.

O fato de que os insucessos educacionais ou melhor, o conhecimento dos mesmos, não muda por si só os procedimentos utilizados nesta área, parece sugerir uma resposta deste tipo.

A mudança, no entanto, é ordinariamente pensada, conforme já dissemos, considerando-se fatores como, por exemplo, os índices de reprovação de maneira a reduzir a problemática a uma questão de "rendimento", no sentido já mencionado, e as soluções a uma mera questão de técnicas.

Recursos imagéticos e outros são pensados com vistas à maior eficácia na "recepção" dos conteúdos impostos, eficácia que é avaliada a partir de objetivos alheios ao sujeito, deste modo tratados como objetos.

O pretenso desenvolvimento intelectual torna-se ilusório, visto que, destituídos de seus corpos - afetos, preferências, movimento ... - e processo de intelectualização muda-se em coisificação. É o processo de uma postura autoritária que nega o sujeito e o transforma em objeto continente de informações muitas das quais dispensáveis e que traz, entre outras consequências, a de asfixiar a ten

dência exploratória ao invés de desenvolvê-la permitindo e facilitando a sua expressão. Leva, deste modo, ao embotamento da inteligência que parecia privilegiar, visto que a separa do desenvolvimento global. .

Tem sido denunciado, mas está longe de ser superado o processo de educação como uma bagagem de informações não solicitadas, não desejadas e não vinculadas às vivências dos seus depositários. E a escola apresenta-se como lugar desse alheamento, que substitui a auto-expressão, a qual, sendo manifestações de um sujeito inteiro, é necessariamente corporal, no sentido já especificado.

A consciência da necessidade de mudança que abarca que os fins e os meios da educação aponta para uma outra necessidade: a de um processo de reeducação dos educadores e, provavelmente, somente com lentidão adquirirá a força de impor-se.

Poder-se-ia repetir, interpretando sob outro ângulo, a afirmação de que "não é a consciência que faz a vida ...". É esta, enquanto aprendizagens corporais, enquanto assimilação e incorporação das mensagens impressas nas situações cotidianas que faz a "consciência". Mas, por outro lado, esta se reforça ao se expressar em ações concretas, podendo deste modo, impulsionar ou reimpulsionar um processo, refazendo a vida.

Nas vivências de uma realidade partida e repartida, nas formas alienadas de vida que marcaram a nossa história, a lição aprendida foi a da dicotomia, a da cisão. E esta lição outrora aprendida por processos basicamente

não verbais continua reforçada no cotidiano presente pelo poder que dita e controla a educação, dificultando os caminhos para a referida reeducação.

No entanto, a perspectiva de mudança, não obstante a problemática que envolve, manifesta a outra face da educação, vista assim não só como a que reproduz a sociedade, mas também a que contém as brechas desta mesma sociedade, por onde se podem introduzir os elementos de transformação.

4.2. OS CONTEÚDOS NÃO VERBAIS

Além dos discursos verbais e intencionais, a educação e os educadores transmitem-se através de outra fala. Esta se faz presente, seja de modo autônomo, seja pontuando os discursos verbalizados, reforçando ou negando seus conteúdos.

Os diálogos não verbais constantemente estabelecidos com o mundo, os sinais emitidos e recebidos, pelo fato de, na maioria das vezes escaparem ao controle pessoal consciente, por um lado, e por outro, pelo tipo de mensagens intercambiadas, revestem-se de vital importância.

Porque algumas experiências renovadoras, no sentido de mudar o rumo do trabalho educativo têm algumas vezes, ainda maior insucesso ? Caberia lembrar talvez a questão da cisão entre a fala verbal e a não verbal, as quais, não

raras vezes parecem chocar-se em uma espécie de comunicação paradoxal, na qual a intenção, o verbo, o texto apontam para uma direção, enquanto que a instituição, as relações, a fala corporal dos dirigentes mostram uma outra, e esta fala mais alto.

Importa ter presente a realidade de tais mensagens nas quais frequentemente a fala de dominação das instituições e a convivência dos corpos relacionados com o poder institucional trai o discurso democrático do verbo.

Uma mensagem que não abranja a corporeidade e que se divorcie dos comportamentos torna paradoxal a comunicação pois que, no lado dos conteúdos intencionais e verbalmente transmitidos, outra mensagem é veiculada. Esta última é, segundo os procedimentos habituais, a da superposição entre as pessoas componentes da situação em que se pretende educar, a fala do autoritarismo e da consequente passividade, submissão e não criticidade.

Há, pois, um duplo conteúdo na prática ou nas práticas educacionais. O ato de depositar informações, pura e simplesmente, por exemplo, constitui por si mesmo uma mensagem não verbalizada, mas presente. Ao ignorar o corpo como o lugar do desejo que motiva e impulsiona a autoeducação, ignora-se o próprio sujeito, neste caso transformado em objeto da educação. Esta "lição" não verbal é veiculada juntamente com a outra, verbal e intencional, classificando não apenas os substantivos, os conjuntos, as fases da história universal, mas classificando também as pessoas em capazes e incapazes, com e sem poder. Semelhante processo

reflete-se certamente na auto-estima e na auto-confiança dos educandos, promovendo, ao invés de desenvolvimento da autonomia e da criatividade, o bloqueio de ambas. Ainda mais se não lhes é dado checar ou utilizar as informações recebidas através da experimentação e da manipulação dos dados apresentados.

A insegurança e a permanente necessidade de aut^oridade podem acompanhar as consequências dessa "educastração".

4.3. ALGUMAS PROPOSIÇÕES

Não obstante as dificuldades que compõem a problemática aqui destacada e apesar de levar em conta a pertinência da educação à sociedade e a inevitável consequência da identificação dos objetivos de ambas, vimos que aquela se constitui, potencial e paradoxalmente, um fator de mudança. E esta mudança parece exigir a volta ao corpo.

Não se trata, como poderia parecer, de um acréscimo nas aulas de educação física. Esta atividade, na maioria das vezes, funciona como algo paralelo às atividades de classe. Ou seja, ao lado dos conteúdos informativos, os movimentos repetidos de adestramento do corpo.

O que aqui se propõe não é o adestramento mas a integração, de tal modo que o movimento não seja ditado de fora mas, ao contrário, nasça daqueles que o executam, ex

pressando-se na arte, na dança, no trabalho inerente às experiências da aprendizagem auto-impulsionada.

Supera-se, deste modo, a referência a uma educação dita física paralela a uma outra que seria adjetivada de intelectual ou de outro termo similar. Tal superação comporta o resgate do corpo, não como um conjunto de membros, mas como prazer-criatividade, como auto-expressão.

Trata-se de proceder a uma ação integrada, numa educação sem adjetivos, a qual não se esgota na aquisição de uma determinada soma de conhecimentos.

A superação do predomínio das atividades intelectuais sobre as corporais e sobretudo da dissociação entre ambas na prática habitual, constitui requisito para uma educação que inclua o desenvolvimento pessoal e a saúde entre as suas intenções ou que, no mínimo, não as ameace.

No que se refere à aprendizagem, esta passa a ser corporal, entendida assim pela sua vinculação ao desejo-viência-prazer; por outro, ao exercício da auto-expressão não apenas escrita e verbal, mas comportando, de modo integrado a estas, a atividade manual, a atividade artística.

Importa antes de tudo o desalheamento das pessoas envolvidas no processo, voltando à sintonia com a emoção e a vivência, o que significa a busca de um envolvimento corporal com a dinâmica do processo educativo.

Propõe-se, assim, a superação das dicotomias em diferentes níveis:

- . A nível das práticas intelectuais e corporais ; de atividades superpostas ou paralelas para a atividades integradas, expressão dos sujeitos em sua totalidade, abrangendo gestos, movimentos.
- . A nível dos discursos verbal e não verbal na prática da educação.
- . A nível dos conteúdos informativos oferecidos e dos requeridos pelos desejos e pela realidade de concreta dos participantes.

Comporta o resgate do desejo, da emoção, da vivência, reavaliando a eficácia sob a ótica dos interesses da vida, a qual não se reduz ao cognitivo-verbal, mas parte de corporal-vivencial.

O desalheamento implica ainda na redefinição ou no reposicionamento das relações entre as pessoas envolvidas na educação.

A volta ao corpo implica pois, a busca do conhecimento, ou melhor, do crescimento, a partir do prazer e do interesse, na vinculação inseparável com a prática da vida. Supõe a liberdade e o auto-impulscionamento do processo educativo, reformulando, deste modo, as citadas relações , as quais, em lugar de verticais e hierárquicas, passam a horizontais e democráticas.

O tipo de relações constitui instrumento de expressão ou de contenção. Relações de superposição supõem e requerem a subvalorização do corpo e da experiência de

um dos componentes da mesma relação. Supõe a submissão a um interesse alheio a si mesmo, porque separado daquilo que impulsiona a procura do saber e seu exercício. O conhecimento assim adquirido, separado da vivência, fragiliza-se, condenando-se ao esquecimento e à inutilidade.

A educação como exercício de expressão do corpo , ou da auto-expressão implica uma nova distribuição de forças no processo educativo, equacionando conhecimento e vivência e partindo desta. Comporta uma nova ótica a reformular de forma radical a visão do processo.

CONCLUSÕES

Propomo-nos, ao iniciar este trabalho, o estudo da expressão do corpo, estabelecendo algumas relações com o desenvolvimento pessoal.

No conceito de expressão do corpo englobamos gestos, movimentos, ações, enquanto nascidos de motivações internas, quando gerados na afetividade.

Este estudo não teria sentido senão por alusão a situações restritivas e bloqueadoras, a situações alienantes. Trata-se de uma obstaculização do fluir espontâneo do sentimento, da emoção, da subjetividade, no movimento e na ação corporal.

Assim, a relação expressão-desenvolvimento começaria a ser visualizada através do seu negativo, ou seja, da relação bloqueio da expressão/desenvolvimento obstaculizado.

As propostas aqui apresentadas colocaram a ênfase em aspectos como a sexualidade, a genitalidade, as vivências pluridimensionais.

São perspectivas diversas nas quais transparecem diferentes concepções do homem, no sentido da menor ou maior confiabilidade que lhe é atribuída enquanto capacidade de auto-regular os próprios impulsos biológicos e de conviver.

Posições conflitantes apresentam-se quanto à consi

deração do indivíduo como entidade na qual se articulam a vida e a morte, a construção e a destruição ou, ao contrário, como ser impulsionado basicamente para a vida, buscando-a a qualquer preço e, para tal, tendendo a destruir todos os obstáculos intervenientes.

Acham-se em pauta ainda a determinação ou não de terminação do comportamento humano, suas atitudes e escolhas; a crença ou a não crença no destino do homem face à viabilidade ou inviabilidade da construção de uma sociedade que não atente contra as potencialidades individuais.

A perspectiva que nos colocamos ao abordar o corpo, situa-o em uma visão totalizante na qual as contribuições dos autores estudados são utilizadas a partir de seu aspecto de complementariedade, o que significa efetuar uma seleção dos elementos contidos nas propostas, sem uma total adesão às suas posições e pressupostos.

A abordagem do corpo aqui apresentada levantou alguns conceitos-chave, os quais resumem-se basicamente nas idéias de repressão, encorajamento e vivência.

Julgamos poder reunir os conceitos e os processos restritivos aqui estudados sob o rótulo de "alienação", entendendo por este termo, o alheamento ou a desvinculação do homem de seu próprio corpo e de sua própria experiência.

Com efeito, a repressão, o encorajamento e a não vivência parecem constituir, no fundo, parte de um mesmo processo de desvinculação mais abrangente, na sociedade, o qual compreende o corpo e o indivíduo como um todo. Este se

ria o mesmo processo que se manifesta no trabalho produtivo, segundo denunciara Marx. Neste trabalho o indivíduo se separa de sua atividade física, uma vez que o corpo não se expressa, mas se mecaniza.

Poder-se-ia colocar, assim, ao lado da repressão sexual, uma repressão da criatividade, entendendo que o trabalho alienado constitui o bloqueio a uma outra dimensão, a energia criativa.

Dentro dessa mesma perspectiva, situaríamos a tendência ocidental para o privilégio do intelecto. Neste mesmo privilégio está presente o alheamento do corpo. A intelectualização, separada do mundo do desejo, dos interesses e do prazer, não representaria o desenvolvimento da inteligência mas, de certo modo, a sua retração, produzida pelos valores e procedimentos que a fazem julgar-se dissociável do corpo.

As considerações aqui presentes colocam-nos diante de fatos nos quais toda a vida do homem na sociedade parece estar resumida em um não poder ser, em uma retração de suas possibilidades, imposta por fatores externos.

O corpo apresenta-se em face de um poder restritivo institucionalizado que se manifesta de diferentes formas.

Neste quadro de forças, o conceito de repressão expressa a condição de corpos vencidos, em seu processo de fuga para o auto-esquecimento, e a abdicação. Neste processo, são mobilizadas as faculdades psíquicas, os músculos, o aparelho respiratório e todo o corpo para uma fuga de si mes.

mo, com a qual se inicia a fabricação de uma armadura-couraça-prisão.

Não só a sexualidade é objeto da ação repressora , mas o corpo ou o indivíduo enquanto dominado.

As teorias aqui revistas não obstante os diferentes enfoques, colocam-nos diante da imagem do indivíduo aprisionado, numa realidade de desequilíbrio de forças, levando-nos a concluir que o corpo é administrado politicamente de fora, não possuindo seu tempo nem seu espaço, desvinculado de seu desejo, de sua criação, de seu prazer.

A figura reichiana do encouraçado aparece-nos no caminho do anti-desenvolvimento, uma vez que a prisão autoconstruída impõe limites às possibilidades de expansão. Atado com suas próprias amarras, o indivíduo, impede-se de movimentar-se e de ser.

No esconder-se de si mesmo e dos relacionamentos através de máscaras e escudos, caminha na direção oposta ao desenvolvimento, tende à doença e à desintegração, nega-se as próprias vivências afetivas, criativas, sexuais, começando deste modo, a marcha de retorno, o caminho da morte.

Não estaria aí a gênese da presença de um "instinto de morte" ? Não representaria ele mais um instinto social, de uma sociedade autoritária que uma tendência biolôgica ?

Aqui o mesmo processo alienante teria levado o indivíduo a separar-se de sua agressividade, identificada com tendências destrutivas e ignorada enquanto poder de construir

ção e superação.

Essas considerações que nos levam a visualizar um quadro abrangente, no qual estão envolvidas situações e mecanismos de alienação, atingem não apenas a esfera individual das relações internas, do indivíduo com relação a si mesmo, mas também com relação à sua pertinência a um todo, seja este visto como grupal ou comunitário. Trata-se, pois, de outros níveis de vinculação ou desvinculação. Deste modo, as ações ou mecanismos bloqueadores manifestam-se também na dimensão afetiva em seu sentido de solidariedade. Segundo alguns autores, a sociedade incentivaria tais manifestações visto que constituiriam expressões sexuais inibidas em sua finalidade. Entretanto, a sociedade que conhecemos é a do individualismo, das hierarquizações e da sobreposição entre os indivíduos. As idéias que veiculam o "amai-vos uns aos outros" são, igualmente, desligadas da prática social que as refuta, donde concluímos que também a dimensão afetiva, no sentido acima, é objeto de restrições, embora manifestas de modo paradoxal, na dicotomia entre o nível verbal e os seus conteúdos.

Voltar ao corpo, em nossa visão, comporta a superação das situações alienantes nas quais estão incluídos os processos de repressão, encouraçamento e negação das vivências corporais. Comporta a revinculação dos indivíduos consigo mesmos e com os demais, a revinculação com seus próprios corpos, de modo a recompor a figura humana inteira, empresa que implica em uma nova política do corpo.

No que diz respeito mais especificamente à educação constata-se que a mesma apresenta-se neste quadro, paradoxalmente, como instrumento ao mesmo tempo da opressão e da liberação. Opressora enquanto parte integrante da sociedade, reproduzindo as dicotomias e o desequilíbrio de poderes institucionalizados. Libertadora enquanto contém potencialmente seu auto-questionamento, apresentando assim as fendas por onde se infiltram as possibilidades de mudança.

Em sua ação opressora a escola reedita, sob outros moldes, em seu contexto próprio, um tipo de coisificação semelhante ao que ocorre no mundo do trabalho produtivo, dado o tipo de relações que manipula a uns como corpo-máquina, a outros como intelectos-recipientes. Deste modo a educação torna-se dissociativa e alienante, além da ineficácia tão repetidamente enfatizada.

A superação desta realidade educacional ultrapassa a questão das técnicas, abrangendo aspectos filosóficos e políticos da educação.

Os caminhos para a mudança passam necessariamente pelo corpo, na indispensável substituição de práticas dicotômicas e das concepções subjacentes do indivíduo e de seu desenvolvimento. Este passará a ser visto não apenas no aspecto cognitivo, mas vinculado aos elementos afetivos e à ação corporal. Este processo supõe ainda a reeducação dos educadores, portadores dos resíduos das aprendizagens dicotômicas e restritivas às quais se liga o desequilíbrio de poderes.

Propõe-se o resgate do corpo enquanto prazer, interesses, escolhas, decisões, bem como o auto-impulsionamento do processo a partir dos mesmos. Além do exercício de formas de expressão corporal em integração com a verbal e escrita. Trata-se da inclusão de trabalhos nos quais os conteúdos possam ser manipulados e utilizados, bem como da dança e da atividade artística em geral.

Superar-se-ia assim a dicotomia entre atividades intelectuais e corporais, buscando formas de integração das mesmas, bem como dos conteúdos oferecidos e dos desejados/requeridos pela realidade concreta dos participantes.

Esta volta ao corpo comporta a desalienação e a alteração de relações de poder.

BIBLIOGRAFIA

- BERNE, E. Os Jogos da Vida. Rio de Janeiro. Artenova, 1977.
- BRANDÃO, C.R. O que é Educação. São Paulo. Brasiliense, 1981.
- CHAUÍ, M. O que é Ideologia. São Paulo. Brasiliense, 1981.
- _____. Repressão Sexual. São Paulo. Brasiliense, 1984.
- COSTE, J.C. A Psicomotricidade. Rio de Janeiro. Zahar, 1978.
- CHATELET, F. História da Filosofia. Vol. I, Rio de Janeiro, Zahar, 1973.
- DAVIS, F. A Comunicação não Verbal. São Paulo. Sammus Ltda. 1979.
- FREUD, S. O Mal-Estar na Civilização. Trad. de J.O. Aguiar Abreu. In: Os Pensadores. Rio de Janeiro. Abril Cultural, 1978.
- _____. Cinco Lições de Psicanálise. Trad. de D. Marcondes e J.B. Correa. Op. cit.
- _____. O Futuro de uma Ilusão. Trad. de J.O. Aguiar Abreu. Op. cit.
- _____. Esboço de Psicanálise. Trad. de J.O. Aguiar Abreu. Op. cit.
- GARAUDY, R. Dançar a Vida. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1980.
- HARRIS, T. Eu Estou OK, Você está OK. Rio de Janeiro, Artenova, 1977.

- LEPERS, J.M. La Jouissance Symbolique. Paris. Anthropos, 1977.
- LUZ, R. Expressão Corporal, uma Política do Corpo. Pesquisa Funarte, 1979.
- MARCUSE, H. Eros e Civilização. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- MARX, K. Manuscritos Econômicos Filosóficos. Coleção Os Pensadores. Rio de Janeiro. Abril Cultural, 1978.
- MORA, Dicionário de Filosofia. Lisboa. Publ. Dom Quixote, 1977.
- NOVA, Pesquisa, Assessoramento e Avaliação em Educação, Saúde e Educação Popular. Cadernos de Educação Popular nº 7. Rio de Janeiro. Vozes/Nova, 1984.
- PLATÃO, Diálogos I. Tradução de J. Paleikat. Rio de Janeiro, s.d.
- REICH, W. Irrupção da Moral Sexual Repressiva. São Paulo. Martins Fontes, 1974.
- _____. A Revolução Sexual. Rio de Janeiro. Zahar. 1974.
- _____. A Função do Orgasmo. Brasiliense. 1977.
- _____. Escuta Zé Ninguém. Lisboa. Martins Fontes, 1982.
- _____. y ALZON, C. Casamento Indissolúvel ou Relação Sexual Duradoura ? Textos Exemplares nº 4. São Paulo. Martins Fontes.
- RHODE, E. Psique, la Idea del Alma y la Inmortalidad entre los Griegos. México-Buenos Aires. Fondo de Cultura Económica, 1948.

- RODRIGUES, J.C. Tabu do Corpo. Rio de Janeiro. Achiamé, 1973.
- ROGERS, C. Liberdade para Aprender. Minas Gerais. Interlivros, 1973.
- _____. Sobre o Poder Pessoal. São Paulo. Martins Fontes, 1978.
- RYCROFT, C. As Idéias de Reich. São Paulo. Cultrix, 1971.
- TORO, R. Cadernos de Biodança I, II, III. Apost. mimeo organizadas por A. Thais. Rio de Janeiro, 1982.
- TROTE, F. Fundamentos Básicos em Biodança. Instituto de Biodança do Rio de Janeiro, 1983.
- WAPNER et alii. El Percepto del Cuerpo. Buenos Aires, Paidós, 1969.
- WEIL, P. y TOMPAKOW, R. O Corpo Fala. Petrópolis. Vozes, 1969.

Dissertação apresentada aos senhores

Nome dos componentes
da banca examinadora

Circe Navarro Vital Brazil

João Roberto Meyer

Edleuza de Aguiar Costa

Visto e permitido a impressão

Rio de Janeiro, / /

Newton Loupapa

Coordenador Geral de Ensino

Moisés J. B. Calz

Coordenador Geral de Pesquisa